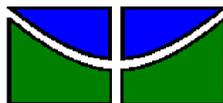


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**O EX-ALUNO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB E O
MERCADO DE TRABALHO. ENQUETE REFERENTE AO
QUINQUENIO 2º/1999 - 1º/2004.**

Sarah Carollyne Yunes de Azevêdo

Brasília, Dezembro de 2011.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O EX-ALUNO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB E O
MERCADO DE TRABALHO. ENQUETE REFERENTE AO
QUINQUENIO 2º/1999 - 1º/2004.**

Sarah Carollyne Yunes de Azevêdo

Brasília, Abril de 2012.

Sarah Carollyne Yunes de Azevêdo

**O EX-ALUNO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB E O
MERCADO DE TRABALHO. ENQUETE REFERENTE AO
QUINQUENIO 2º/1999 - 1º/2004.**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Bráulio Tarcísio Porto de Matos.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Bráulio Tarcísio Porto de Matos (Orientador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Margarida Maria Mariano Rodrigues
Faculdade Jesus Maria José

Prof. Dr. Bernardo Kipnis
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Data da Aprovação: __/04/2012

Brasília, Abril de 2012.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram comigo nessa trajetória, principalmente minha mãe, Dora Renata Yunes que é a responsável por tudo que sou e por tudo que luto para ser.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me dar o dom da vida e estar presente em todos os momentos de minha jornada, me protegendo e derramando bênçãos sobre mim e sobre minha família.

Agradeço a minha amada mãe por ser meu porto seguro, sempre me apoiando com toda paciência e com muito amor e, também, por me fazer acreditar que sou capaz de alcançar todos os meus objetivos e de realizar todos os meus sonhos.

Agradeço ao meu pai, pois sei que de onde quer que ele esteja sempre esteve olhando por mim.

Agradeço a minha filha Ana Luisa que com apenas seu um ano e dez meses de idade faz com que essa conquista tenha um sentido e o gostinho todo especial.

Agradeço ao meu Orientador Bráulio Tarcísio Porto de Matos por toda dedicação, paciência e entusiasmo, tornando essa caminhada de final de curso mais um momento único e de muitas aprendizagens.

Agradeço a minhas queridas amigas de jornada Elizabeth Leite e Raquel Vasconcelos por todo o apoio, carinho e momentos inesquecíveis que transformaram quatro anos de convívio em uma amizade para a vida toda.

Agradeço aos meus familiares por estarem sempre ao meu lado comemorando minhas conquistas e me ajudando a superar os obstáculos. Principalmente minha irmã Renata, minha tia Eunice e minha tia Marcia que sempre mostraram-se muito entusiasmadas com mais essa vitória.

Agradeço a minhas amigas de infância Débora de Jesus, Eliane Dourado, Fabiana Costa e Suzana Paraíso, por sempre acreditarem no meu sucesso, até mesmo quando eu não acreditava e por me ajudarem a conquistá-lo. Em especial a Débora que encarou comigo quase 500 ligações para fazermos contato com o possível grupo de pesquisados da presente pesquisa.

Agradeço ao meu namorado Tiago Ferreira por nunca permitir que eu abaixasse a cabeça e pensasse em desistir, por toda a força e amor dispensados a mim e a minha filha.

Agradeço a todos os meus professores da Faculdade de Educação por todos os ensinamentos profissionais e pessoais que me fizeram escolher ser uma educadora

comprometida, dedicada, amorosa e fizeram ainda com que cada minuto dentro da graduação se tornasse memorável.

Um agradecimento especial à Ana Cristina Danicki Aureliano e ao Gilberto Nunes Perpetuo, funcionários da Secretaria da Faculdade, por terem disponibilizado dados institucionais sem os quais essa pesquisa não poderia ser feita.

A todos e todas que não citei, mas que de uma forma ou de outra estiveram presentes e contribuíram na minha jornada.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

AZEVÊDO, SARAH C. Y. O ex-aluno do curso de pedagogia da UnB e o mercado de trabalho. Enquete referente ao quinquênio 2º/1999 - 1º/2004.

Resumo

A Pedagogia ressenete-se no Brasil de uma certa “crise de identidade” que encontra na recente extinção dos “Cursos Normais” um de seus capítulos mais relevantes. A presente pesquisa partiu da convicção de que uma investigação sobre a inserção do Pedagogo no mercado de trabalho pode ser de grande valor para entender como está acontecendo o encontro do recém-formado com esse mercado, quais os principais problemas encontrados, no que a formação recebida contribuiu, onde houve falhas e o que pode ser feito para melhorar a formação que o graduando em pedagogia está recebendo. Para entender como esse processo está acontecendo foi realizada uma pesquisa exploratória do tipo survey com uma amostra de 124 ex-alunos do curso de pedagogia da UnB, ingressantes na instituição no quinquênio 2º/1999-1º/2004. Observou-se uma grande diversidade de ocupações neste grupo, embora a inserção modal ainda seja o magistério no setor público. Os pesquisados apontaram como principais falhas da formação recebida: a falta de disciplinas voltadas para competências profissionais, a falta de associação com a prática (estágio, etc.) e professores descomprometidos. Em contrapartida, os pesquisados apontaram como aspectos positivos a flexibilidade do curso e a variedade de projetos e a dedicação de alguns professores.

Palavras-chave: Mercado de trabalho, Pedagogia e Formação.

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 – Disciplinas dos cursos de pedagogia e bibliografia dos concursos para seleção de professores.....	28
Gráfico 1 – Comparação das disciplinas dos currículos do NIE e da UnB.....	30
Tabela 02 - Características básicas do universo pesquisado.....	37
Tabela 03 - Perfil social dos alunos que ingressaram no quinquênio 2º/1999 - 1º/2004.....	40
Gráfico 02 – Desempenho na Prova Objetiva (% da pontuação máxima) do Vestibular/PAS dos aprovados no quinquênio.....	41
Gráfico 03 – Índice de Rendimento Acadêmico (I.R.A.) entre alunos não-calouros matriculados entre 2º/1999 e 2º/2002.....	41
Tabela 04 - Distribuição dos alunos ingressantes no quinquênio por Habilitações.....	43
Tabela 05 - Duração do curso entre os Formados por ano/semestre de ingresso e turno *.....	44
Tabela 06 – Características demográficas dos egressos pesquisados.....	45
Tabela 07 – Concluiu o curso de pedagogia da UnB?.....	45
Tabela 08 – Fatores que contribuíram para a não conclusão do curso.....	46
Tabela 09 – Faz ou está fazendo outro curso superior.....	46
Tabela 10 – Características da situação laboral dos egressos.....	48
Tabela 11 – Ocupação principal dos egressos pesquisados.....	49
Gráfico 04 - Comparação entre a Renda Pessoal e a Renda Familiar por Ocupação Principal.....	50
Tabela 12 – Peso relativo da Renda Pessoal na Composição da Renda Familiar.....	51
Tabela 13 – Estado Civil e Com quem reside por Ocupação principal.....	53
Tabela 14 – Grau de satisfação com a remuneração recebida e com a atividade exercida na atividade exercida na Ocupação Principal.....	55
Tabela 15 - Atuou na área da educação.....	56
Tabela 16 – Intervalo de tempo entre a formação e o ingresso no primeiro emprego.....	56
Tabela 17 – Níveis de ensino nos quais já lecionou ou leciona.....	57

Tabela 18 – Relação Local de Trabalho e de residência dos que atuam no magistério.....	57
Tabela 19 – Aspectos do curso que tem contribuído para as atividades que desenvolve na ocupação principal.....	58
Tabela 20 – Características do estágio supervisionado.....	59
Tabela 21 – Pontos fortes do curso de Pedagogia da UnB.....	60
Quadro 1 – Pontos fortes do curso de Pedagogia da UnB.....	60
Tabela 22 – Pontos fracos do curso de Pedagogia da UnB.....	62
Quadro 2 – Pontos fracos do curso de Pedagogia da UnB.....	62
Tabela 23 – Sugestões para a melhoria do curso de Pedagogia da UnB.....	64
Quadro 3 – Sugestões para a melhoria do curso de Pedagogia da UnB.....	65

Sumário

Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	viii
Lista de Tabelas e Gráficos.....	ix
Sumário.....	xi
I PARTE – MEMORIAL.....	12
II PARTE - PESQUISA.....	19
Introdução e Objetivos.....	19
Capítulo 1 - Referencial teórico.....	21
Capítulo 2 - Metodologia da Pesquisa.....	35
Capítulo 3 – Análise e Discussão dos Resultados.....	39
3.1. O perfil dos ex-alunos	
3.2. O perfil dos egressos	
Considerações Finais.....	68
Referências bibliográficas	
ANEXO 1 - Questionário utilizado no survey	
III PARTE – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	78

I PARTE – MEMORIAL

Meu nome é Sarah Carollyne Yunes de Azevêdo, sou fruto da união entre, Dora Renata Yunes e Hélio Gonçalves de Azevêdo. Nasci na capital de Alagoas, no ano de 1989, na qual vivi um ano e meio, antes de me mudar para Brasília com minha mãe. Nossa mudança se deu pelo fato do meu pai ser vítima de assassinato no seu local de trabalho, quando eu tinha um ano e dois meses de idade. Minha mãe optou por Brasília, pois ela já tinha morado aqui durante muitos anos, tinha muitos amigos e também uma proposta de emprego.

Quando chegamos aqui em Brasília, minha mãe começou a trabalhar na Listel Listas Telefônicas como publicitária, vendendo anúncios. Nesta empresa havia muitas campanhas em diversas cidades do Brasil, e como eu era muito pequena acompanhava minha mãe em todas essas viagens. As campanhas tinham durações variadas então eu sempre ficava em creches, o que dava mais segurança e tranquilidade para minha mãe que trabalhava quase 12 horas por dia.

Durante esses quase 4 anos de viagens e estadias em diversas creches, percebo que essa experiência me ajudou muito no sentido de me tornar uma criança muito comunicativa, cheia de disposição, fazia amizades com facilidade, era independente para minha idade. Apesar de passar maior parte do tempo longe de minha mãe por conta da distância causada pelo trabalho dela, sempre fomos muito ligadas e unidas e mais ainda por ela ser a única pessoa que eu tinha. Não tenho nada do que me queixar, pois ela sempre conseguiu exercer o papel de mãe e de pai com muita competência e dedicação.

Bem chega ao fim esse período de campanhas, então estacionamos definitivamente em Brasília no ano de 1993. Neste mesmo período ganhei o primeiro grande presente da minha irmã Renata de 25 anos, que foi meu sobrinho. Nessa mesma época minha mãe tinha comprado um terreno em São Sebastião e começamos a construir nossa casa. Paralelamente estávamos atrás de uma escola para mim no Plano Piloto, pois estávamos morando na Asa Norte enquanto a casa não ficava pronta. A escola escolhida foi Monteiro Lobato na 713 Norte. Agora começa um tempo da minha vida do qual tenho milhares de recordações maravilhosas.

Estudei nesta escola do pré-zinho até a 8ª série. Foi definitivamente uma época da qual tenho muitas lembranças especiais, eu adorava a escola, os professores, os gestores, o ambiente, a metodologia da escola, enfim, sentia que a escola era uma segunda casa. Lembro-me muito também, dos passeios que fazíamos, das festas da Primavera, as

Feiras de Ciências, Feiras do Livro e Festas Juninas. Todos os eventos promovidos pela escola eram muito bem elaborados havendo a participação e interação de todos (pais, alunos, funcionários, professores). Destaco que neste período tive professores admiráveis que foram os responsáveis por eu desejar ser professora um dia.

Após a formatura da oitava série, no final do ano de 2003, tivemos que procurar outra escola para eu cursar o Ensino Médio, e acabamos optando pela Escola Imaculada Conceição na Asa Sul, pois minha mãe conseguiu um desconto/bolsa de 60%. Meu Ensino Médio foi bem complicado, foram três anos de vida escolar com grandes problemas e muitas decepções. Apesar das dificuldades não cogitava a idéia de mudar de escola, pois sabia que minha mãe não conseguiria um desconto tão bom como tínhamos naquela escola. Passei por muitas recuperações em Física, Química e Matemática, e não conseguia me entender com a maioria dos professores.

No ano de 2006 no fim do ensino médio prestei o vestibular para a UnB, mas sabia que não passaria, não tinha estudado o suficiente, e também meu irmão, por parte de pai, foi assassinado no meio do ano e isso me abalou muito. Portanto juntando toda a ansiedade, preocupação, problemas e despreparo não passei no meu 1º vestibular.

Então minha mãe insistiu para que eu fizesse cursinho no Alub, foi uma experiência maravilhosa, aprendi a me organizar para estudar, estipular horários, e estudar por conta própria. No vestibular de julho de 2007 recebi umas das melhores notícias da minha vida: PASSEI NO VESTIBULAR DA UNB!

Meus primeiros meses de contato com a FE foram ótimos, tive professores descontraídos e dispostos que tornaram as disciplinas de Investigação Filosófica, Oficina Vivencial, Projeto I, Antropologia e Educação e Perspectivas do Desenvolvimento Humano muito proveitosas. Acredito que esse primeiro momento tem gostinho de curiosidade, estamos todos interessados em saber como é a universidade, o que é o curso, como são os colegas e os professores, enfim, como é a vida de universitário. Aproveitei muito a curta vida de calouro.

Durante todo o curso passei por disciplinas que foram reveladoras e essenciais para a minha formação e crescimento pessoal, como também tiveram outras que não me acrescentaram em nada, que muitas vezes me desmotivaram e até mesmo me fizeram questionar a qualidade do curso e o meu sonho de ser educadora. Porém, vou me ater a falar das disciplinas que, efetivamente, fizeram a diferença na minha graduação e dos professores que me fazem ter orgulho de ser aluna da Faculdade de Educação. Porque, enfim, são essas aprendizagens e esses mestres que quero levar para toda minha vida.

Uma das disciplinas que mais trabalhou com textos que sugeriam tipos de atividades para se aplicar e sala de aula, e abordou aspectos voltados para a prática do professor, foi a disciplina “Ensino de Ciência e Tecnologia 1”, na qual a todo o momento estávamos discutindo assuntos que são essenciais para futuros educadores, sem contar que havia um união muito grande entre teoria e prática, quando a professora propôs projetos em que tínhamos que ir a campo investigar como as aulas de ciências estavam sendo realizadas nas escolas, trabalhamos ainda com análise e construção de planos de aula. O que mais ficou dessa disciplina foi a necessidade de entender que ensinar vai muito além de transmitir conhecimento. Ensinar é um trabalho contínuo de descobertas, de trocas, de reflexões, de mudança, de esforço, de interação, de aprimoramento constante de conhecimentos, enfim, é um processo de transformação e formação individual e coletiva. Assim, como afirma Piaget, à medida que o sujeito interage é que ele vai produzindo sua capacidade de conhecer e vai construindo o seu próprio conhecimento.

Outra matéria que trouxe muitas reflexões, ampliando muito minha forma de pensar foi “Ensino e Aprendizagem da Língua Materna”, onde com as leituras e debates em sala percebi que o problema da educação/alfabetização é muito mais complexo e grave do que parece. Notei também que é essencial entender as várias características da linguagem, como os aspectos regionais, culturais e sociais; pensar sobre a diferença da fala e da escrita e sobre o papel da escola e dos educadores com relação à língua materna, que é um aspecto básico a educação infantil, e das séries iniciais. E principalmente, foi uma disciplina que desconstruiu aquela imagem de professor quadro e giz, do conhecido ensino de cima para baixo (tradicional).

Disciplina essencial também foi “Pesquisa em Educação 1”, na qual entendi e conheci melhor o mundo da pesquisa, conceitos, gráficos, formas de se conseguir os dados (entrevista, questionário), como se analisar os dados obtidos. E ainda tive o prazer de conhecer o professor Bráulio Matos, que hoje é o meu orientador, e que desde o meu primeiro ano na faculdade de Educação sempre foi um dos professores pelo qual tive muita admiração, pela dedicação, profissionalismo e atenção dispensada aos alunos.

Na matéria “Aprendizagem e desenvolvimento do PNEE”, tive o prazer de conviver com a professora Celeste Azulay, que era inteiramente dedicada a essa área de estudo, nos apresentando textos e autores que explicavam e analisavam muito intensamente como se dava a aprendizagem e o desenvolvimento das pessoas com necessidades especiais. Lemos muito sobre Vygotsky, que analisou bastante toda a carga de conhecimento e desenvolvimento que a criança já possui quando entra na

escola. Concluindo que a aprendizagem não é em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental e ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, ou seja, a aprendizagem escolar orienta e estimula processos internos de desenvolvimento. Torna-se essencial uma maior sensibilidade, entendimento e continuo acúmulo de conhecimentos para quando nos depararmos com todas as peculiaridades e singularidades que enchem as salas de aula.

Um dos pontos altos da minha formação foi o “Projeto 3 fase I e II: Formação Docente Inclusiva: O Lúdico”, que fiz com a professora Carla Castro. Foi realmente uma disciplina que ampliou minha visão sobre o papel do professor; sobre os problemas que o professor enfrenta em uma sala de aula; me fez notar a dimensão de fatores que envolvem a inclusão; a importância do planejamento que o educador precisa fazer antes das aulas; a relevância de se entender a necessidade individual de cada aluno; como lidar com as frustrações, que fazem parte do dia-a-dia do ambiente escolar; entre tantas outras constatações que ocorreram durante um ano envolvida com a teoria sobre o lúdico e como se trabalhar gerando aprendizagem de uma forma lúdica, em um trabalho com um grupo de 6 alunos com dificuldade de aprendizagem na cidade de Recanto das Emas.

No decorrer desse trabalho, constatei que o lúdico oferece recursos que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, sócio-afetivas e intelectuais da criança, dando-lhe a oportunidade para a manifestação da autonomia, da criatividade e do senso crítico. Com base em tais considerações, o trabalho foi realizado com o intuito de poder oferecer às crianças atendidas, um aprendizado significativo para o seu desenvolvimento integral, fazendo uso da ludicidade e de uma posição crítica, revisando os fundamentos das práticas educacionais mais frequentes e adaptando-as a fim de torná-las compatíveis com o potencial de cada criança.

Foram momentos que tive a oportunidade de lidar com a realidade da educação brasileira, em locais desfavorecidos, com crianças que, em muitos casos, não têm o que comer. Tive a oportunidade de me identificar como futuro agente modificador dessa situação atual. Bem o projeto como um todo, me fez querer mais ainda prosseguir com meu objetivo de estar em sala de aula e que para isso é preciso determinação, dedicação, amor, vontade e esforço para realizar um trabalho significativo.

Na disciplina de Didática Fundamental, tive a sorte de pegar uma ótima professora que entrou como substituta, pois me lembro que na época os professores que

davam essa disciplina deixavam muito a desejar, conforme escutava alguns colegas relatarem suas experiências com essa disciplina. Durante todo o semestre a professora Penélope Ximenes destacou que se faz fundamental superar o formalismo didático, que é a busca incansável por um método único que se aplique ao ensino de tudo a todos, e sim a busca por uma articulação que permita trabalhar juntamente com todas as diversas questões que permeiam a Didática, possibilitando uma análise pedagógica concreta, contextualizando a prática, identificando as diversas metodologias de ensino, discutindo o currículo e assumindo um compromisso com a transformação social.

Outro momento muito especial da minha passagem pela Faculdade de Educação foi cursando a disciplina de “Projeto IV Fase I: Reeducação matemática” que foi orientado pelo professor Cristiano Muniz, e tinha como base ajudar no ensino de matemática nas séries iniciais. Buscava a chamada reeducação, como um avanço na compreensão de um conhecimento que já existia, por parte dos educadores, passando a outra concepção do que seja a matemática e seu processo de aprender e ensinar. No projeto, tive a oportunidade de atuar em uma turma do 2º ano, auxiliando a professora regente. Durante o passar das observações, pude perceber que um trabalho de maior qualidade é alcançado quando há a percepção de que teoria e prática devem ser vistas na unicidade, como se ambas fossem uma coisa só.

As experiências vividas no Projeto IV foram muito importantes para minha formação, aprendi muito ao vivenciar práticas pedagógicas, ter o contato com toda a dinâmica de uma escola, seus projetos, eventos, conviver com um ambiente diversificado, com crianças de várias idades e classes sociais, presenciar como ocorre a inclusão nas escolas públicas e realmente ter contato com o mundo da escola pública, pois sempre estudei em escolas particulares.

Durante o segundo semestre de 2009, enquanto caminhava para terminar meu quinto semestre, comecei a sentir uns desconfortos, muita dores no estômago, e investigando a causa disso, recebi a notícia mais inesperada da minha vida: Estava grávida! No começo foi bem difícil, demorei a aceitar fiquei com medo de ter que trancar a faculdade... Mas com o apoio da minha família e amigos, consegui colocar a cabeça no lugar e perceber que não era o fim do mundo, sempre quis ser mãe, claro que depois que já tivesse formada, trabalhando e casada. Porém, não temos controle do nosso futuro e as coisas acontecem não da forma que queremos e sim como Deus manda. Apesar da turbulência que a notícia causou, consegui terminar o semestre bem.

Tenho que ressaltar e citar os professores do meu sexto semestre: professora Iracilda Pimentel (Gênero e Educação); Teresa Cristina Cerqueira (Psicologia Social na

Educação); Raquel de Almeida Moraes (Políticas Públicas de Educação); e em especial o professor Paulo Coelho (Tópicos especiais em Educação e Diversidade Cultural), que foi quem mais se mostrou preocupado e esforçado em me ajudar para que eu não desanimasse e continuasse firme e forte na caminhada no curso. Todos eles foram muito solidários e compreensivos, pois aceitaram minha matrícula mesmo sabendo que eu poderia cursar, presencialmente, apenas março e abril, visto que meu parto estava previsto para começo de maio. Foi um semestre no qual me dediquei ao máximo no período em que estava nas aulas, e consegui finalizar todos os trabalhos extras que contemplariam os outros dois meses de ausência.

Minha filha Ana Luisa nasceu em 04 de maio de 2010. Mesmo ela sendo muito pequena ainda eu retornei normalmente as minhas atividades em agosto na volta às aulas, minhas amigas muito me questionaram, mas eu voltei já me matriculando em seis disciplinas, mais a segunda fase do Projeto IV. Apesar de a minha filha estar apenas com três meses, o semestre foi em parte tranquilo, consegui me organizar para cumprir os deveres de mãe e universitária, claro contando com a ajudada da minha mãe e de amigos, principalmente minha vizinha e amiga Débora que cuidava da minha bebê enquanto eu estava na faculdade, e também das amigas de curso Raquel e Beth, que me deram muita força.

O meu sétimo semestre foi um semestre muito especial, todas as disciplinas foram maravilhosas: Tópicos Especiais em Educação Especial I; Educação em Geografia; Filosofia com Crianças; Atividades Lúdicas em Início de Escolarização; Projeto IV Fase 2; Avaliação nas Organizações Educativas e Pensamento Negro Contemporâneo. Aprendi muito, os professores promoveram discussões muito interessantes, relacionando a educação com a questão racial; debatendo sobre como introduzir atividades lúdicas para as crianças das séries iniciais; como apresentar a filosofia para as crianças; como se trabalhar a geografia na escola; entre tantas outras questões importantes. As leituras propostas foram enriquecedoras, tivemos muitas saídas de campo e seminários bem organizados e polêmicos. Acredito que foi um dos semestres que mais aprendi e me entusiasmei com os temas abordados.

Destaco o meu Projeto IV Fase 2, o qual tive a oportunidade de realizar em uma escola na cidade em que moro, São Sebastião, e que foi muito proveitoso, apesar de como na fase 1 ter sido apenas observação, não teve momentos de regência, ainda sim pude aprender muito interagindo com as crianças e com os professores e conhecendo um pouco mais da realidade escolar na minha cidade.

Agora na reta final do curso três disciplinas merecem destaque, Fundamentos da Arte na Educação, Fundamentos da Linguagem Musical na Educação e Ensino de História, Identidade e Cidadania. Ambas as disciplinas tiveram como ponto forte a prática, me fez refletir sobre maneiras de trabalhar, a arte, a linguagem musical e o ensino de história em sala de aula, temas a serem abordados, caminhos a percorrem na apresentação dessas temáticas.

Por fim, enfatizo meu Projeto V o qual realizei sob a orientação do professor Bráulio Tarcísio Porto de Matos. Confesso que cheguei um tanto perdida quanto ao tema da minha monografia, e aos poucos, depois de algumas conversas com o meu orientador, ele acabou me apresentando uma temática e uma Pesquisa de Egressos Formados realizada pela Secretaria de Planejamento da UnB (SPL) que muito me interessou e que deu origem ao presente trabalho. Foram meses de bastante trabalho, alguns medos, dedicação de ambas as partes e de muito aprendizado. Passei a admirar cada vez mais o professor Bráulio e notei mais uma vez como essa aproximação e interação entre professor e aluno é importante e gera frutos como é o caso das monografias de conclusão de curso.

Escolhi Pedagogia por me identificar com a área, e por saber como a figura da escola e do professor é importante no dia-a-dia das crianças. Se a escola se propuser a realmente ser uma segunda casa para as crianças, um lugar onde elas se sintam acolhidas, seguras e felizes. As trocas e os crescimentos serão incalculáveis para ambos os lados e claro com papel fundamental de comprometimento e amor dos professores. Acredito piamente que uma educação comprometida, com escolas que busquem sempre melhorar e professores que exerçam sua atividade com amor é o ponta pé inicial para a mudança da sociedade e para a garantia de um futuro melhor para todas as crianças. Como futura educadora, tomo para mim esse desafio e essa busca de levar aos meus alunos uma educação significativa, com trocas mútuas, estimulando a criticidade e a sensibilidade, enfim uma educação que vá além da sala de aula.

Nas palavras de Rubem Alves:

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isto os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.” (*A alegria de ensinar, Rubem A. Alves – 1994*)

II PARTE - PESQUISA

Introdução e Objetivos

Em meados de 2005, a Secretaria de Planejamento da Universidade de Brasília (SPL-UnB) começou a realizar enquetes de acompanhamento de egressos dos cursos de graduação da Universidade formados ao longo de uma década. Infelizmente, essa política de avaliação institucional foi interrompida e apenas cinco cursos foram contemplados por tais enquetes (Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis e Desenho Industrial). O objetivo da presente monografia consiste em replicar, com algumas alterações, a pesquisa de egressos iniciada pela SPL-UnB.

No que se refere à Pedagogia, acreditamos que esse tipo de pesquisa possa trazer alguma contribuição aos profissionais da área. Isso porque a pedagogia no Brasil tem sofrido de forma quase crônica de uma “crise de identidade”. Pesa um grande desentendimento sobre o que se espera do pedagogo entre os próprios educadores. Há quem argumente que o curso deve prioritariamente ocupar o vácuo deixado pelo fim do Curso Normal e dedicar-se ao ensino nas séries iniciais da educação básica. E há quem argumente que o pedagogo deve ter uma formação polivalente e assumir um leque amplo de funções que requerem competência pedagógica (orientação educacional, planejamento educacional, administração escolar, etc.).

Parece-nos que as intermináveis discussões do tipo “O pedagogo que temos e o pedagogo que queremos” não tem conseguido lançar muita luz sobre essa controvérsia. Nesse caso, acreditamos que uma linha de investigação sobre como o “mercado de trabalho” tem acolhido os egressos dos cursos de pedagogia pode ajudar a balizar o debate de forma mais objetiva. Não que os cursos de formação devam simplesmente refletir as demandas imediatas do mercado de trabalho, seja essa demanda do setor público, seja ela do setor privado da economia. Não parece razoável, porém, simplesmente dar as costas para os potenciais empregadores dos profissionais formados pela universidade. E uma forma indireta de captar as necessidades do mercado de trabalho consiste em saber como os profissionais que nele estão atuando avaliam esses requisitos à luz da formação acadêmica que receberam.

Assim sendo, a presente monografia tem três objetivos básicos, a saber:

1º) Saber como os egressos do curso de pedagogia da UnB se inseriram no mercado de trabalho;

2º) Avaliar em que medida, na percepção dos egressos, o curso de pedagogia contribuiu para a inserção de seus ex-alunos no mercado de trabalho;

3º) Colher sugestões dos ex-alunos do curso de pedagogia da UnB visando a melhoria da qualidade desse curso.

No primeiro capítulo da monografia, traçamos um panorama histórico acerca da referida “crise de identidade” da pedagogia no Brasil, chamando a atenção para a ambiguidade dos diagnósticos (excessivamente “técnicos” para uns, excessivamente “teóricos” para outros).

No segundo capítulo, clarificamos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa. Após traçar um perfil sócio-demográfico e acadêmicos do universo de alunos que ingressaram no curso de pedagogia no quinquênio considerado, apresentamos os resultados da enquete realizada junto a uma amostra daqueles alunos, tendo em vista os objetivos básicos acima apresentados.

Nas considerações finais, sumarizamos os principais resultados colhidos ao longo da investigação.

Capítulo 1 - Referencial Teórico

A Pedagogia sempre esteve relacionada com a docência ou prática educativa, em seu sentido mais amplo, abarcando toda e qualquer ação educativa e pedagógica, nos mais diversos locais (escolares e não-escolares). Assim, ao longo da história este curso foi firmando-se como uma ciência correspondente da educação, entendida como o *modo de aprender e de organizar o processo educativo*.

Em meados do século XIX tomou a frente o imperativo de universalização da instituição escolar que levou a organização de sistemas nacionais de ensino. Esses sistemas nacionais de ensino resumiam-se em um conjunto amplo formado por um grande número de escolas organizadas segundo um mesmo padrão. Porém, era preciso pensar em uma maneira para conseguir formar professores em grande escala para atuar em tais escolas, o caminho encontrado foi à constituição de Escolas Normais, de nível médio, para formar professores primários, deixando para o nível superior a tarefa de formar os professores secundários.

Lembra-se que no Brasil, o curso de Pedagogia foi criado por meio do Decreto-Lei nº 1.190 de 4 de abril de 1939, juntamente com a faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com o intuito de formar bacharéis e licenciados para atuar em diferentes áreas por meio de um esquema que ficou conhecido como 3+1 (três mais um), sendo três anos para a formação de bacharéis e um ano de estudos do curso de didática formando então os licenciados.

Desta forma fica claro que o campo de trabalho/atuação e a identidade desse profissional não ficaram muito bem definidos, pois o curso foi criado sem ter uma área de atuação determinada. Isso deve-se ao fato de que as pessoas que cursavam o nível médio na escola normal eram habilitadas para dar aulas, ou seja, para serem professores do Ensino Primário (1ª à 4ª séries). Em contrapartida os formandos em Pedagogia tiveram, primeiramente, o papel de lecionar Filosofia, Matemática e História no curso normal.

Todos os cursos foram padronizados na época, com as suas respectivas disciplinas necessárias para a licenciatura, e a graduação em pedagogia foi padronizada pelos mesmos critérios utilizados. O lado negativo dessa adoção foi que, o Bacharel em pedagogia se formava técnico em educação, mas a sua real função no mercado de

trabalho, nunca foi muito bem definida. Com isso, o curso ficava sem uma identidade definida.

A uniformidade adotada na organização dos conteúdos e na dinâmica de funcionamento dos cursos de licenciatura era a seguinte: Primeiramente, concentravam-se os estudos nos conteúdos específicos relacionados com cada bacharelado, depois, eram feitos os estudos de conteúdo pedagógico no curso de didática. Então, nos períodos iniciais, o curso de pedagogia perseguia um específico “inexistente” – A teoria da educação – E o seu aprofundamento teórico constituía-se de generalidades sobre ciências auxiliares da pedagogia.” (Brzezinski pág. 44)

Neste contexto, a Pedagogia passava a idéia de ser um curso transitório, pois não havia um consenso sobre a função do pedagogo e devido às incertezas o curso era voltado para o bacharelado. Um dos motivos dessas incertezas foi a forma de criação do curso, com matérias obrigatórias e optativas, sem saber a que profissão se destinaria o mesmo. Os mestres eram de outras áreas de estudo, como Filosofia, Sociologia, Psicologia, entre outras.

Lembra-se que em 1961 com a homologação da LDB 4024/61, o CFE passa a buscar que se coloque em prática a política de formação de professores respaldada pela fixação de um currículo mínimo para os cursos superiores. Segundo **Brzezinski (1996)**,

a partir de 1962 fixou-se um currículo mínimo do curso de pedagogia que consistia em sete matérias para o bacharelado, quais sejam: psicologia da educação, sociologia, história da educação, filosofia da educação, administração escolar e mais duas matérias a ser escolhidas pelas IES [...] e tinham o objetivo de definir a especificidade do profissional, mediante a opção do aluno ou da instituição. (Brzezinski pág. 56)

Esse currículo mínimo não agradou aos estudantes que se viram presos com essa uniformização dos currículos que deixavam de lado a diversidade do País. Ressalta-se que essas matérias descritas se aplicavam apenas ao currículo mínimo do bacharelado. Perdurando a dualidade entre o bacharelado e a licenciatura, ou seja, entre conteúdo e método.

Sabe-se que a partir desse começo de anos 60 o ambiente universitário foi tomado por diversas discussões, envolvendo os diversos agentes da educação, sobre a reforma da universidade. Neste período alicerçou-se uma nova legislação educacional decorrente do modelo desenvolvimentista que vigorou de 1960-1964. Como afirma Iria Brzezinski (1996), foi este modelo que marcou a eficaz preparação de técnicos, entre esses, os da educação.

Com a construção de novos padrões exigidos para o melhor aperfeiçoamento das universidades, e os reforços realizados, acerca das diversas funcionalidades que deveriam existir nas universidades federais brasileiras, o curso de Pedagogia, assim como as licenciaturas de Filosofia, Ciências e Letras, obtiveram diversas mudanças em sua essência.

Disseminava-se uma política de treinamento em massa visando dinamizar a economia. Com o passar dos anos, essa política se intensificava cada vez mais, formavam-se profissionais treinados e instrumentalizados, desta forma, a educação passou a ser “treinamento”.

O maior objetivo de se cumprir todas essas finalidades, era transformar, as faculdades – de ciências e humanas - em centros de pesquisa pura e de altos estudos e também em um treinamento profissional para os educadores. Porém, essa proposta foi falha, tendo em vista, que a faculdade de pedagogia ficou reduzida em somente formar professores com uma base simplória, em que o real aperfeiçoamento da profissão de educadores ficou estigmatizado por ter um caráter prático e utilitário. O curso oferecia uma base teórica sem o atrativo de pesquisas para melhorar a fundamentação do que era estudado, tendo um errôneo entendimento de que a intenção era apenas “formar” profissionais da educação.

Essa visão equivocada foi bastante discutida por pesquisadores e estudiosos da época, que entendiam essa nova forma de graduar um estudante, como uma perspectiva limitada da capacidade do ser humano, oferecendo-lhe, apenas um amparo técnico.

Sendo assim, os professores passavam a ter acesso de apenas o conteúdo necessário para exercer a prática docente:

O professor assim formado passava a dominar métodos e técnicas adequados à prática docente, mas não se aprofundava em estudos da pedagogia como área do saber, isto é, não buscava a teoria elaborada por meio de pesquisa, como se fosse possível separar o indissociável: teoria e prática. (Brzezinski pág.42)

Dessa forma, as práticas pedagógicas que visavam apenas o lado tecnicista da profissão, reduziu a graduação de pedagogia brasileira em uma área profissionalizante, com o único intuito de formar os seus graduandos em técnicos, mas sem o recurso de produzir pesquisas e estudos dentro da sua área de atuação no mercado de trabalho.

[...] descartou-se a elaboração da teoria para enfatizar a prática da experiência, do treinamento, do domínio da técnica, do domínio da metodologia, do engajamento prático na organização coletiva. (Brzezinski pág. 43)

A urgência de se fazer um curso que ajudasse na intervenção pedagógica, na educação escolar e formal, sufocou a necessidade de conhecer o que se faz e o que avaliar nos modos de como trabalhar.

As grades de estudos mostravam também que em muitos casos, a licenciatura tinha uma base fraca, se considerarmos que os conteúdos de cursos primários, embora exigidos para o curso Normal, não eram exigidos para a graduação em pedagogia. Portanto, como um pedagogo entenderia os conteúdos de outras licenciaturas, se em seu currículo universitário, não se era exigido tal conhecimento? Como que um pedagogo poderia ministrar aulas de um determinado assunto, se ele nunca estudou o que precisa ser ensinado?

Dessa forma, com a inexistência de um quadro específico de conteúdos, a graduação em pedagogia, ficou com uma distorção de entendimento, em relação aos outros cursos, nos quais, até os dias de hoje, interferem negativamente na organização curricular do curso.

Esses profissionais por concessão, adquiriram o direito de lecionar matemática e história no primeiro ciclo e filosofia no curso colegial do ensino secundário, todavia, sem o preparo exigido para se tornarem professores. (Brzezinski pág. 45-46)

Nota-se assim, que muito se fala e se questiona acerca da capacitação dos professores. Ainda segundo Brzezinski (1996), dentro da academia, o curso de Pedagogia foi adquirindo uma posição periférica, afastada, das outras licenciaturas, ficando assim marcado por uma pseudo-identidade, já que a banca dos professores das grandes universidades não se dedicava a ministrar suas disciplinas nas faculdades voltadas para Pedagogia.

Com essas disparidades entre os currículos das licenciaturas, os outros cursos foram se moldando cada vez mais em torno dos seus currículos, fragmentando o saber e deixando que o lado pedagógico e a interdisciplinaridade fossem sendo esquecidos e desvalorizados, na medida em que se avançava com os conteúdos. Portanto, se formou um quadro em que a responsabilidade era a de formar um professor e um educador, porém, com uma desarticulação entre os dois segmentos – licenciaturas e a pedagogia – fazendo com que tanto o lado prático, quanto o teórico estivessem desarticulados.

Segundo Brzezinski (1996), a questão das efetivas definições do pedagogo só começou a ser trabalhada no Parecer CFE nº 252/69 de autoria de Walnir Chagas, no qual se estabeleceria que o graduando nessa área trabalharia como professor para o ensino normal e/ou especialista para as atividades de Orientação, Administração, Supervisão e Inspeção no âmbito escolar e em sistemas escolares, o que posteriormente, foi caracterizado como habilitação. Neste sentido, o Parecer retira o direito dos Pedagogos de lecionarem Filosofia, História e Matemática, uma vez que tais matérias não eram voltadas especificamente para tais ciências.

Foi preciso reformular o currículo excluindo ou criando matérias o que influenciou diretamente a construção da identidade do pedagogo. Ocorrendo a fragmentação da formação do Pedagogo através das diversas habilitações criadas. Apesar da existência dessas habilitações o diploma era único, o bacharel em Pedagogia, porém autorizado a lecionar, já que se trata de um curso que trabalha com o ensino. Por isso, podiam ser professores do curso normal e também do Ensino Fundamental e Educação Infantil, pois se eles ensinavam a dar aulas também poderiam ser professores.

Depois da constante luta pela melhoria da educação e pelo reconhecimento do profissional da Pedagogia, grande parte dos cursos passou a ter como objetivo central a formação de profissionais capazes de exercer a docência no âmbito da Educação Infantil, series iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para formação de professores, assim como para participação no planejamento, avaliação e gestão de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organizações e desenvolvimentos de programas não-escolares.

Neste contexto, a Pedagogia conquista um espaço extra-escolar, como afirma o Art. 5º da resolução CNE/CP nº 1/2006, que estabelece em seus incisos o que o formando em Pedagogia deve estar apto a fazer. Destaca-se neste artigo, que o pedagogo pode trabalhar em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano em diversos níveis e modalidades do processo educativo; bem como relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação; deve ainda desenvolver trabalhos em equipe estabelecendo o diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento; participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação e avaliação do projeto político pedagógico em ambientes escolares e não-escolares; entre muitas outras atividades que também se aplicam a formação do pedagogo.

Destacam-se como as principais normas que regem o curso de pedagogia no Brasil: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9394/96; a Resolução CNE/CP nº 1/2006; e o Parecer CNE/CP nº5/2005, juntamente com o Parecer CNE/CP nº 3/2006.

O Art. 5º da resolução CNE/CP nº 1/2006 estabelece em seus incisos o que o formando em Pedagogia deve estar apto a fazer, destacando que a Pedagogia passa a pertencer, também, ao espaço extra-escolar. Assim, destaca este artigo que o pedagogo pode trabalhar em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de

sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano em diversos níveis e modalidades do processo educativo; bem como relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação; deve ainda desenvolver trabalhos em equipe estabelecendo o diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento; participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação e avaliação do projeto político pedagógico em ambientes escolares e não-escolares; entre muitas outras atividades que também se aplicam a formação do pedagogo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia – DCNs, pretendem formar pedagogos “generalistas”, ou seja, pedagogos conhecedores de todas as áreas e práticas pedagógicas e educativas, em ambientes escolares ou não-escolares. Essas características se encontram no texto do Parecer CNE/CP nº 5/2005, o que regula as DCNs:

[...] grande parte dos cursos de Pedagogia, hoje, tem como objetivo central a formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, assim como para a participação no planejamento, gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organização e desenvolvimento de programas não-escolares. (2005, p.5)

A partir dessas bases, pode-se inferir a tamanha competência e abrangência que todo profissional da educação precisa adquirir para conseguir executar um trabalho de qualidade e nos mais diferentes tipos de situações e contextos, lidando de forma segura com esse acúmulo de funções e responsabilidades.

Entende-se que essas Leis, e normas existem e estão continuamente se modificando, com o objetivo de efetivar um controle de qualidade aos cursos de Pedagogia. Cabendo, é claro, a instituições de ensino superior aplicar as normas vigentes ao desenvolvimento de seu projeto acadêmico. Neste sentido, cabe perguntar se os cursos de formação de pedagogos estão efetivamente preparando seus alunos de forma a contemplar toda a demanda das normas vigentes? Cabendo a cada instituição

adequar as leis a suas necessidades e aspirações, o que acaba deixando de ser contemplado, e como se dão essas possíveis modificações institucionais?

Desta forma, fica evidente, assim como defende Iria Brzezinsky, que do ponto de vista histórico, a Pedagogia no Brasil sempre teve um problema de identidade própria, passando ao longo do tempo por diversas reformulações, Pareceres e desorientações sobre a área de atuação e sobre a organização do curso. Essa autora argumenta, como foi visto, que os cursos de formação de professores têm enfatizado uma formação técnico-profissional.

Contrapondo, em parte, o argumento de Brzezinsky, de que a formação dos profissionais da educação é extremamente técnica, a professora Bernadete Gatti, em sua pesquisa **Formação de Professores para o Ensino Fundamental: Instituições Formadoras e seus Currículos**, publicada no ano de 2008, registra em seus resultados e conclusões que depois de analisar diversos currículos e as ementas de 3.513 disciplinas, os cursos de Pedagogia pouco têm contemplado questões ligadas a profissionalização mais específica do professor, não relacionando adequadamente as teorias com as práticas. Com vistas à melhor compreender também como tem se dado a contratação dos pedagogos, Gatti analisou também o que as Secretarias de Educação dos Estados têm demandado dos egressos dos cursos de pedagogia por meio dos Concursos Públicos por elas realizados. Para isso, ela analisou os Editais desses concursos, focalizando especialmente a bibliografia exigida. A Tabela 1 condensa os principais resultados da investigação de Gatti.

Tabela 1 - Disciplinas dos cursos de pedagogia e Bibliografia dos concursos para a seleção de professores

Categorias	Disciplinas dos cursos		Bibliografia dos concursos	
	n	%	n	%
FUNDAMENTOS GERAIS DA EDUCAÇÃO	903	22,3	161	29,2
[história, sociologia, psicologia, filosofia, etc...]	[794]	19,6		
[didática geral]	[109]	2,7		
LEGISLAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR	547	13,5	174	31,5
[currículo]	[172]	4,3		
CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS	960	23,7	172	31,2
[Metodologia, didáticas específicas e práticas pedagógicas]	667	16,5	27	4,9
[Conteúdos do currículo: alfabetização, português, matemática, ciências, história, geografia, artes, etc...]	[258]	6,4	145	26,3
[Tecnologia]	[35]	0,9		
OUTRAS MODALIDADES DE ENSINO (Educação de adultos, educação especial, etc...)	399	9,9	17	3,1
OUTROS SABERES (temas transversais, etc...)	274	6,8	28	5,1
Total	4.043	100,0	552	100,0

Fonte: Gatti, Bernardete et alli, 2008 (adaptado)

Observou-se que mesmo as disciplinas que são voltadas para a formação profissional específica pouco contemplam as práticas educacionais, predominando aspectos teóricos. Assim, segundo Gatti, mesmo os 28% de disciplinas que puderam ser classificadas como voltadas para a formação profissional específica, o que sugerem as ementas é que esta é feita de forma ainda muito insuficiente.

A autora mostra que atualmente a formação de professores no âmbito dos cursos de pedagogia sofre de uma excessiva ênfase em fundamentos teóricos da educação e pouca ênfase nos aspectos específicos do exercício profissional (sejam disciplinas de conteúdo, didática e metodologia de ensino de matemática, português, ciências, etc.). Desta forma,

[...] Pode-se inferir que a parte curricular que propicia o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para a atuação nas escolas e nas salas de aula fica bem reduzida. A relação teoria-prática como proposta nos documentos legais e nas discussões da área também se mostra comprometida desde essa base formativa. (GATTI, 2008 p. 21)

Essa falta de formação profissional ainda é vista na proporção de horas, quando 30% dessa carga horária é para esse tipo de formação, ficando 70% direcionada para outro tipo de matéria oferecida na instituição,

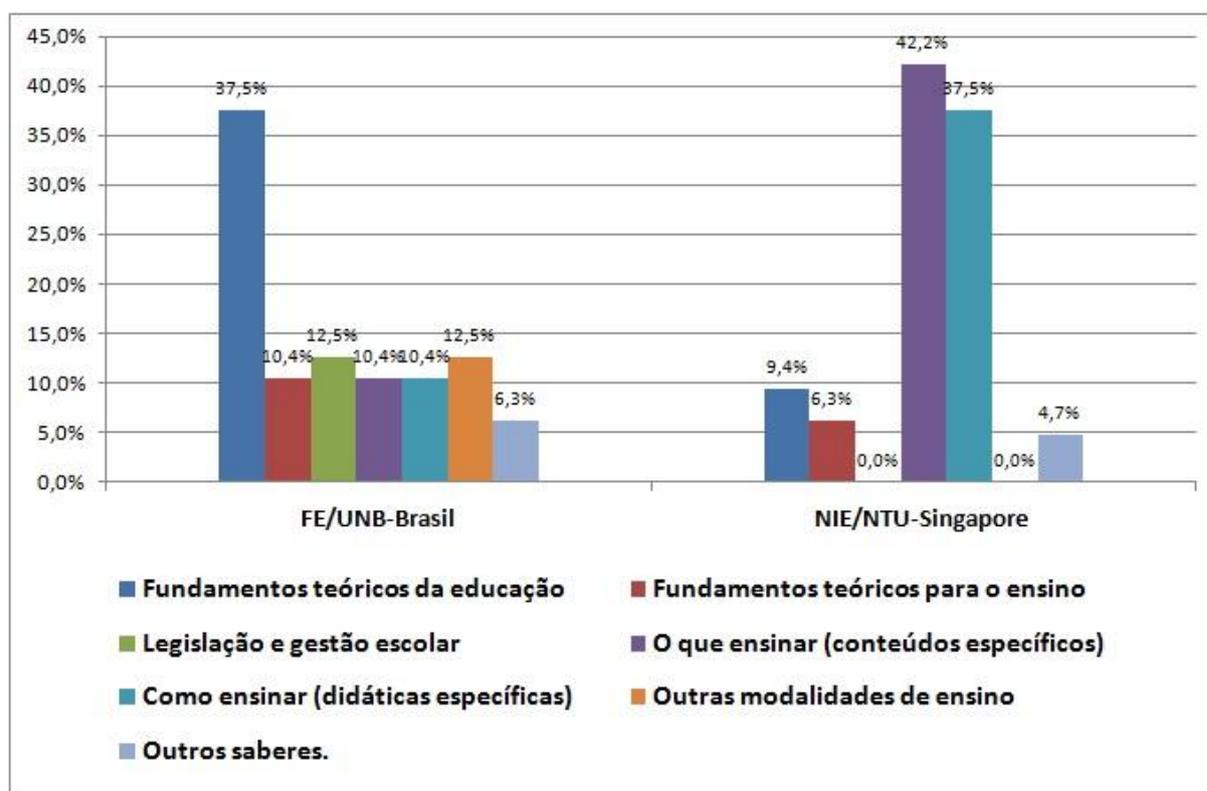
Ela destaca ainda, que pouco se conseguiu analisar sobre os estágios, pois há uma série de imprecisões. Onde algumas instituições fazem referência somente ao número de horas destinadas ao estágio, outras chegam a detalhar as várias opções de estágio, há ainda instituições que apresentam os estágios integrados a disciplinas sem muitas explicações de como isso funcionaria. Assim, a autora afirma que após as observações sobre o funcionamento dos cursos de Pedagogia como um todo, pode-se sugerir que o grande problema na questão do estágio supervisionado é que na maioria, eles aparecem como “atividades de observação não se constituindo em práticas efetivas dos estudantes de Pedagogia nas escolas”.

Recentemente a aluna de Pedagogia Elaine Silva, em sua monografia realizou uma pesquisa que objetivava “caracterizar e comparar o perfil da formação de

professores ofertado pelos cursos de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e pelo National Institute of Education da University of Nanyang de Cingapura que foi escolhido para a análise e comparação por apresentar boas classificações em testes internacionais.

Aplicando a tipologia proposta por Gatti a uma análise comparada dos cursos de pedagogia da Universidade de Brasília e do internacionalmente consagrado *National Institute of Education* de Singapura, Silva (2011) evidenciou claramente o contraste entre as duas instituições, contraste esse que revela a pouca ênfase conferida pelo curso da UnB às disciplinas de natureza técnico-profissional, e em contra partida nota-se que a NIE se revela um curso que visa e prioriza uma *preparação profissional objetivando a prática*. O Gráfico 1 sumariza o resultado da pesquisa de Silva.

Gráfico 1 – Comparação das disciplinas dos currículos do NIE e da UnB.



Fonte: Silva (2011)

Recentemente, Ortiz (2011), aluna do curso de Pedagogia da UnB, em seu TCC, fez uma pesquisa analisando o curso de Pedagogia através da visão de 39 professores e constatou diversos aspectos relevantes. Um deles foi sobre a presença significativa da insatisfação que os docentes demonstram para com o currículo atual do curso. Porém,

apesar dessa insatisfação há grandes contradições sobre quais as direções e a velocidade das mudanças necessárias.

Houve grandes elogios por parte dos professores pesquisados quanto a flexibilidade do currículo, que possibilita ao aluno uma maior liberdade de escolha na matrícula em disciplinas e projetos. Foi ressaltado também um problema com a quantidade de disciplinas optativas, o que muitas vezes pode levar o aluno a ficar sem uma direção a seguir, justamente por essa grande oferta em tantas temáticas diferentes.

Ponto alto da pesquisa foi com relação ao possível aprofundamento que os alunos poderiam ter através dos projetos, que abrangeriam diversas áreas de interesse. Porém isso não se concretiza na prática, pois muitas temáticas não são abordadas pelos projetos e ainda há o problema da oferta, onde nem todo semestre há uma regularidade de oferta de alguns temas/projetos sem contar a questão do horário em que são ofertados os projetos que não atendem a todos os alunos.

Quando voltamos nossos olhos não mais para as instituições formadoras dos pedagogos, mas para a inserção dos egressos dessa área no mercado de trabalho, deparamo-nos com uma extraordinária carência de estudos empíricos a respeito do tema. Uma dessas raras pesquisas é o estudo de Lima (1983), intitulado **Estrutura ocupacional, educação e formação de mão-de-obra. Os países desenvolvidos e o caso brasileiro**. No capítulo “Breves estudos de casos de profissões específicas”, busca examinar a situação da profissão de professor, nos vários níveis de ensino, começando com um retrospecto da formação de professores até o fim dos anos 1960 e em seguida passando para uma análise das modificações que ocorreram na década de 1970 ressaltando a questão salarial.

Fazendo um retrospecto da formação de professores até o fim da década de 1960, destaca-se que a formação dos professores de ensino primário era feita em curso específico de nível médio, o conhecido curso normal; os professores das disciplinas de formação geral no nível médio eram preparados nas chamadas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, dentro do modelo chamado 3+1 (três anos de bacharelado mais um ano de estudos de disciplinas pedagógicas). Neste modelo de formação 3+1, nota-se que a licenciatura não tinha um currículo próprio, o que começa a mudar com a LDBEN que obrigou a fixação de um currículo mínimo com privilégios de exercício

profissional, desta forma o padrão curricular dominante passa a ser o da licenciatura que se diversifica com a criação da licenciatura curta (1964) e licenciatura plena tradicional.

Alguns anos depois da LDBEN, a conhecida Lei da Reforma Universitária (Lei 5.540 de 28/11/1968) desdobra a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em diversas unidades de ensino, criando a Faculdade de Educação que passa a ter o papel de oferecer a formação pedagógica em diversas licenciaturas. Depois de sua criação a Faculdade de Educação sofreu diversas mudanças com a Resolução CFE 9/69, como o estabelecimento de habilitações diversas em regime de licenciatura curta ou plena.

Já a preparação dos docentes das instituições de ensino superior se dava pelo aproveitamento de indivíduos com formação a nível de graduação, sem preparação específica para o exercício do magistério. A preocupação com o aperfeiçoamento desses docentes de nível superior só ocorreu no final da década de 1960 pela Lei 5.540/68 (modificada pelo DL 464/69). Porém essa lei ainda deixa muito a desejar, visto que não é muito taxativa em aspectos importantes, mostrando-se ambígua o bastante para permitir a descaracterização de suas intenções. Percebe-se assim, que pouco foi feito, até o final dos anos sessenta, no sentido de aprimorar os docentes de ensino superior.

Durante os anos setenta, houve várias modificações na formação de professores nos vários níveis de ensino. A primeira delas é a aprovação da Lei 5.692/71, que buscou uniformizar o ensino de 1º e 2º graus e também estender essa uniformização a formação de professores. Assim, no artigo 30, estabelecem-se um conjunto de requisitos que permitem que pelo aperfeiçoamento profissional progressivo, com a realização de cursos reconhecidos, o professor possa ser habilitado para o exercício do magistério em séries e graus sucessivos. Porém, somente no final da década de setenta é que se torna possível começar a cumprir de forma mais fiel os requisitos previstos pelo artigo 30.

As modificações que a Lei 5.692 trouxe, seriam implementadas a médio e longo prazo, desta forma, seguiu-se um período de muitos ajustes com: a Portaria 432 BSB/71, que organizou dois esquemas para formação de professores das disciplinas da parte técnica do currículo; o Parecer CFE 45/72, que lista 53 habilitações no nível de técnico e 130 outras habilitações; a Resolução CFE 3/77 e a Portaria MEC 396/77, estabelecendo que a formação dos professores para a parte de formação especial do currículo de 2º grau, far-se-á em cursos de licenciatura plena ministrado por

estabelecimentos de ensino superior, com as disciplinas pedagógicas somando 1/3 da duração mínima da licenciatura prevista para 2.500 horas.

De forma geral, conclui-se que na década de setenta a discussão em torno da identidade do pedagogo em si e do curso de formação do mesmo foi minimizada. Ao mesmo tempo, maximizaram os debates a respeito de como ocorreria à formação e especialização do pedagogo, se seria no curso normal, na graduação ou na pós-graduação, em relação às especializações. Sob essa ótica também foi discutida a criação de licenciaturas nas áreas de Pedagogia, ao invés do curso de Pedagogia propriamente dito, abarcando todas as áreas.

Permeando todo esse cenário de Leis, Pareceres, Portarias e Resoluções, uma questão sempre permeou a profissão de professor, que é a questão da má remuneração e como ela afeta professor e aluno. Professor, principalmente na questão do desempenho, onde a má remuneração força o professor assumir tarefas excessivas causando fadiga e sobrecarga de trabalho, o que claro reflete diretamente na qualidade da formação que o alunado receberá, visto que esse depende das possibilidades do professor. Sabe-se ainda que o quadro de longa crise por que tem passado a educação brasileira deve-se bastante ao momento em que o Estado deixa ao encargo das instâncias municipais e estaduais, o ensino de 1º e 2º graus, sem garantir o aporte de recursos necessários para essa empreitada.

Ressalta-se uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) que permite observar os baixíssimos salários dos professores primários, e ainda uma diferenciação entre a remuneração de professores primários estaduais e municipais, onde enquanto os estaduais ganham cerca de 1 e 2 salários mínimos, os professores municipais possuem a faixa de salário de até ½ salário mínimo. Lembrando claro que os níveis salariais do professorado do 1º grau condicionam a remuneração dos professores de 2º grau, que mesmo sendo um pouco melhor, continua longe do que seria desejável. Destaca-se, ainda, que a faixa de tempo de profissão entre todo esse professorado do nível primário é de 5 e 15 anos, o que impossibilita justificar os baixos salários por inexperiência no exercício da profissão e possibilita afirmar categoricamente que o problema está na desvalorização da profissão de educador.

O quadro de depreciação salarial dos professores não parece ter sofrido uma mudança substancial três décadas depois do estudo apresentado por Lima. Estudos

comparativos internacionais patrocinados pela Unesco têm mostrado que o Brasil remunera muito mal seus professores. Repercutindo os resultados de uma dessas pesquisas da Unesco, Antônio Góis mostra que:

“O salário médio do professor brasileiro em início de carreira é o terceiro mais baixo em um total de 38 países desenvolvidos e em desenvolvimento comparados em um estudo da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) divulgado no sábado em Paris. Segundo o estudo, apenas Peru e Indonésia pagam salários menores a seus professores no ensino primário - que equivale a 1ª à 6ª série do ensino fundamental - do que o Brasil. O salário anual médio de um professor na Indonésia é US\$ 1.624. No Peru, esse valor chega a US\$ 4.752. No Brasil é de US\$ 4.818. O valor no Brasil é metade do encontrado nos vizinhos Uruguai (US\$ 9.842) e Argentina (US\$ 9.857) e muito abaixo da média dos países desenvolvidos, onde o maior salário nesse nível de ensino foi encontrado na Suíça (US\$ 33.209).” (GOIS, 2002)

Tendo em vista, portanto, o panorama que acabamos de traçar sobre a formação acadêmica dos pedagogos e sobre algumas tendências do mercado de trabalho docente, apresentaremos a seguir a metodologia e os resultados da enquete que realizamos sobre o tema.

Capítulo 2 - Metodologia da Pesquisa

A pesquisa utiliza duas fontes básicas de dados. A primeira fonte de dados refere-se ao perfil dos alunos que ingressaram no curso de pedagogia da Universidade por meio do vestibular ou do PAS ao longo do quinquênio 2º/1999 – 1º/2004. São dados institucionais da Universidade. Parte dessa informação é coletada por meio de um questionário sócio-cultural aplicado pela Universidade quando o candidato se inscreve no processo seletivo de entrada; outra parte, diz respeito a indicadores de desempenho acadêmico gerados ao longo dos semestres letivos até o desligamento do aluno da instituição.

A escolha do referido quinquênio teve uma dupla motivação. Primeiramente, por se tratar de uma pesquisa sobre inserção de graduados no mercado de trabalho, precisávamos escolher ex-alunos formados há algum tempo e com razoável experiência de trabalho. A segunda motivação foi mais pragmática. Ocorre que o professor Bráulio Matos compôs ao longo do quinquênio considerado um banco de dados pessoais sobre seus ex-alunos que correspondia aproximadamente a um terço do total de alunos que ingressaram na Faculdade nesse período. O critério de escolha do período da pesquisa, nesse caso, visava compor um banco de dados mais rico em informações a partir da fusão dos dados institucionais com os dados coletados pelo professor. Infelizmente, por razões que adiante explicaremos, não foi possível unificar esses bancos, o que nos levou traçar o perfil dos ex-alunos no período considerado apenas a partir dos dados institucionais.

A segunda fonte de informação utilizada foram os dados primários coletados por nossa própria pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de tipo “survey” (enquete, pesquisa de opinião). Segundo Gil (2008),

“As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados. (...) Dentre as principais vantagens dos levantamentos estão: a) Conhecimento direto da

realidade; b) Economia e rapidez; c) Quantificação. Dentre as principais limitações dos levantamentos estão: a) Ênfase nos aspectos perspectivos; b) Pouca profundidade no estudo da estrutura e dos processos sociais; c) Limitada apreensão do processo de mudança.” (GIL, 2008, p. 55-56).

Ainda segundo Gil, os levantamentos podem recolher informações sobre todos os integrantes do universo pesquisado (censo) ou apenas sobre uma parte desse universo (amostra). No caso de se optar por um levantamento por amostragem, embora o ideal seja fazê-lo mediante procedimentos estatísticos rigorosos, nem sempre isso é possível (recursos humanos e financeiros escassos, falta de tempo, etc). Esse, aliás, foi o nosso caso. A amostra selecionada para o nosso survey foi extraída do universo de alunos ingressantes via vestibular e PAS no curso de Pedagogia durante o referido quinquênio. Trata-se de uma *amostra por acessibilidade ou por conveniência*. Segundo Gil, esse tipo de amostra:

“Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão” (GIL, 2008, p. 94).

Sob esse aspecto, portanto, nossa pesquisa possui um *caráter exploratório*. O procedimento utilizado para compor a amostra foi bastante simples. Solicitamos junto à Secretaria da Faculdade de Educação, e fomos gentilmente atendidos, o último contato do ex-aluno disponível no sistema de informação da Universidade (telefones residencial e celular, bem como endereço eletrônico). De posse desses dados, realizamos mais de 500 telefonemas visando contatar o ex-aluno e obter dele a disposição em colaborar com a pesquisa. Cerca de 250 ex-alunos foram dessa forma contatados e se dispuseram a responder o questionário da pesquisa, enviado aos mesmos por meio da internet

(questionário eletrônico utilizando a plataforma do *SurveyMonkey*). Uma vez enviado o questionário eletrônico aos 250 ex-alunos que conseguimos contatar ao telefone, recebemos 124 respostas. O levantamento se deu entre os meses de outubro e novembro de 2011.

A tabela 02 contém algumas informações básicas sobre o universo da pesquisa.

Tabela 02 - Características básicas do universo pesquisado

Indicador	n°
Candidatos ao curso de Pedagogia no quinquênio (vestibular e PAS)	13.894 candidatos (8% de todos os candidatos a UnB)
Matricularam-se pelo menos em Pedagogia no quinquênio (vestibular e PAS)	1.246 alunos
Matricularam-se unicamente em Pedagogia no quinquênio (vestibular e PAS)	1.186 alunos
Formaram-se em Pedagogia no quinquênio (em todas as Habilitações e em todas as formas de ingresso)	569 alunos
Responderam ao questionário da Enquete	124 alunos (22% dos formados no quinquênio)

Um detalhe muito importante do plano amostral utilizado na enquete precisa ser aqui explicitado. Originalmente, embora já houvéssimos decidido que a amostra seria não-probabilística (dada a enorme dificuldade que acertadamente previmos de contatar os ex-alunos), imaginávamos que seria possível avaliar *a posteriori* a qualidade da amostragem por meio da comparação do perfil da mesma com os dados do universo. Ocorre, contudo, que cometemos um erro grosseiro na metodologia de coleta de dados. Ao postarmos os questionários eletrônicos para os pesquisados utilizamos um procedimento que não permitia vincular o questionário respondido ao banco de dados do universo.

Quando nos apercebemos do erro, dezenas de questionários já haviam sido respondidos e reenviados (nesse caso, “anonimamente”) para nós pelos pesquisados. Tendo em vista que correríamos o risco de aborrecer os pesquisados solicitando a eles que preenchessem novamente a resposta dada, decidimos, então, simplesmente apresentar os dados referentes ao perfil dos alunos ingressantes no quinquênio considerado e o perfil dos respondentes da enquete separadamente (ou seja, sem

apresentar eventuais “matrizes de transição” com esses dados). No final das análises, o prejuízo desse erro não se mostrou tão elevado. Mas cabe aqui registrar o erro por nós cometido.

No que tange ao questionário utilizado na pesquisa, importa dizer que ele se baseou no instrumento aplicado pela Secretaria de Planejamento da UnB (SPL-UnB) nas referidas pesquisas de egressos. Contudo, visando obter informações um pouco mais detalhadas sobre a inserção no mercado de trabalho, acrescentamos outras perguntas àquele questionário e interpretamos de forma um pouco mais detida os dados coletados. No que tange à opinião dos pesquisados sobre os Pontos Fortes, Pontos Fracos e Sugestões de Melhoria do Curso, por exemplo, enquanto a SPL-UnB limitou-se a compilar em seu relatório a lista das opiniões colhidas, nossa pesquisa tentou “categorizar” as respostas seguindo um procedimento análogo à chamada “análise de conteúdo” de Bardin (saturação da variabilidade das respostas nas categorias básicas).

O questionário aplicado foi assim composto por quatro blocos de perguntas, a saber: Bloco I – Aspectos sócio-demográficos; Bloco II – Aspectos referentes à Formação Acadêmica; Bloco III – Aspectos referentes à Inserção no Mercado de Trabalho; Bloco IV – Aspectos referentes ao Curso de Pedagogia da UnB. Uma cópia do instrumento utilizado encontra-se disponível no Anexo 1.

Passemos, então, aos resultados encontrados.

Capítulo 3 – Análise e Discussão dos Resultados

A primeira parte dos resultados refere-se ao perfil dos ex-alunos que ingressaram no quinquênio considerado (2º/1999 – 1º/2004). A segunda parte refere-se ao perfil dos egressos pesquisados em nosso survey.

3.1. Perfil dos ex-alunos

A tabela 03 traz uma informação básica sobre o perfil social dos alunos do curso de Pedagogia comparativamente aos alunos das grandes áreas de conhecimento existentes na UnB. A classificação dos mais de 60 cursos existentes na Universidade no período nessas três grandes áreas é algo intuitiva e não iremos nos deter aqui nessa questão. É fácil inferir, por exemplo, que cursos como Letras, Sociologia, Ciência Política, História, e a própria Pedagogia, inserem-se na área de Humanidades, assim como Física, Química e Engenharia Civil na área de Ciências, e Medicina e Nutrição na área de Saúde. Os dados apresentados nessa tabela permitem, portanto, que comparemos a Pedagogia inclusive com a própria área maior na qual ela está inserida.

Segundo os dados dessa tabela, vemos que o curso de Pedagogia é um curso eminentemente feminino (76,9%), passando até mesmo a Área de Saúde onde também há grande concentração do sexo feminino (61,6%).

Sobre indicador “local de residência” a Pedagogia mostrou maior percentual de residentes em outras localidades do DF (53,1%).

Quanto à escolaridade do pai e da mãe, notamos que o curso de Pedagogia apresenta os menores índices de pais e mães com Ensino Superior.

No indicador renda familiar, mais uma vez os alunos de Pedagogia se afastam das outras áreas apresentando a taxa de apenas 34,3% com a renda familiar acima de R\$ 2.400,00, enquanto os percentuais das outras áreas variam de 55,5% à 73,1% para essa faixa de renda familiar.

Observamos ainda que o ponto médio da renda familiar do curso de Pedagogia encontra-se quase R\$ 1.000,00 abaixo do ponto médio da renda familiar do total.

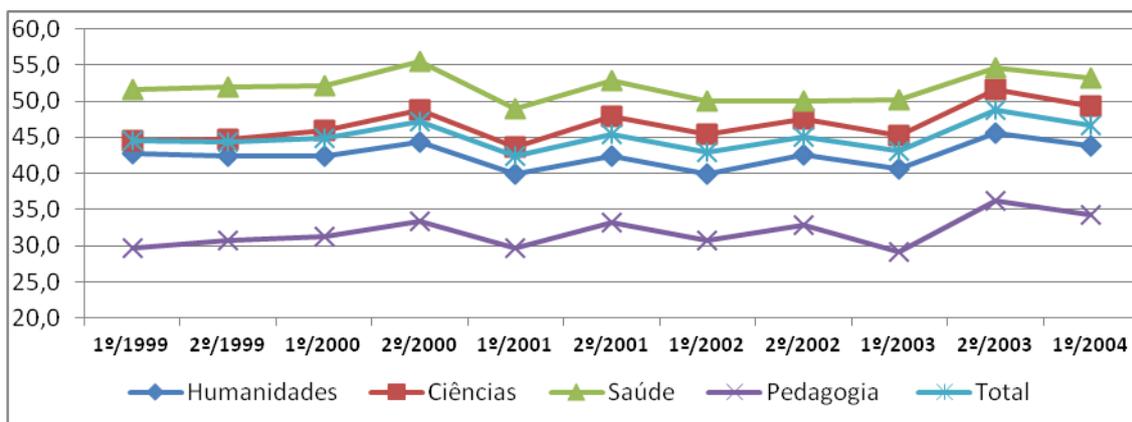
Por fim, sobre o tipo de escola onde concluiu o ensino médio, o curso de pedagogia é o único com porcentagem inferior a 50% para os concluintes em escola particular.

Tabela 03 - Perfil social dos alunos que ingressaram no quinquênio 2º/1999 - 1º/2004

Indicador	Humanidades	Ciências	Saúde	Pedagogia	Total
Sexo					
Masculino	48,1%	74,5%	38,4%	23,1%	55,1%
Feminino	51,9%	25,5%	61,6%	76,9%	44,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Local de residência					
Plano Piloto	53,7%	51,3%	61,0%	41,2%	53,9%
Outras localidades do DF	39,6%	39,9%	30,6%	53,1%	38,5%
Fora do DF	6,7%	8,8%	8,4%	5,7%	7,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Escolaridade do pai *					
Primário completo	25,3%	17,4%	8,4%	35,7%	28,4%
Secundário	27,2%	28,5%	24,1%	30,9%	27,2%
Ensino superior	51,5%	54,2%	67,6%	33,3%	54,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Escolaridade da mãe *					
Primário	22,6%	17,3%	8,5%	38,1%	19,1%
Secundário	31,1%	33,5%	29,0%	34,0%	31,5%
Ensino superior	46,3%	49,2%	62,5%	27,9%	49,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Renda familiar **					
Até R\$ 800,00	13,5%	10,6%	5,5%	24,9%	11,6%
Entre R\$800,01 e R\$ 2.400,00	31,0%	29,6%	21,4%	40,9%	29,4%
Acima de R\$ 2.400,00	55,5%	59,8%	73,1%	34,3%	59,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Renda familiar (ponto médio em R\$) **	R\$ 2.715,00	R\$ 2.862,00	R\$ 3.288,00	R\$ 1.988,00	R\$ 2.832,00
Tipo de escola onde concluiu o ensino médio					
Pública	38,1%	33,5%	21,8%	58,7%	34,4%
Particular	61,9%	66,5%	78,2%	41,3%	65,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
* Nível escolar incompleto ou completo					
** Valores não atualizados monetariamente					

O gráfico 02 informa sobre o desempenho alcançado na prova objetiva do Vestibular e do PAS referente aos aprovados no quinquênio pesquisado. Nesse gráfico podemos perceber que a nota na prova objetiva do curso de pedagogia é mais baixa do que a nota de todas as outras áreas.

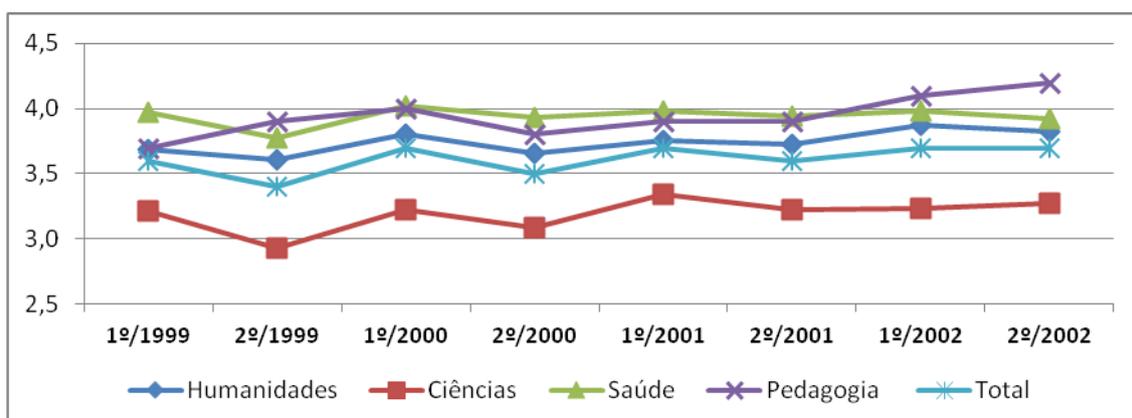
Gráfico 02 – Desempenho na Prova Objetiva (% da pontuação máxima) do Vestibular/PAS dos aprovados no quinquênio.



O gráfico 03, indica o Índice de Rendimento Acadêmico entre os alunos não calouros que estavam matriculados entre 2º/1999 e 2º de 2002. O gráfico em questão mostra a pedagogia com os maiores Índices de Rendimento Acadêmico.

Os dados dos gráficos 02 e 03 não nos permite inferir que os alunos de pedagogia que entram com notas baixíssimas na prova objetiva, se tornam alunos nota 10 durante o curso. Isso porque vários outros fatores podem estar relacionados ao I.R.A. Como por exemplo, a rigorosidade com que são feitas as avaliações, algo que varia de curso para curso.

Gráfico 03 – Índice de Rendimento Acadêmico (I.R.A.) entre alunos não-calouros matriculados entre 2º/1999 e 2º/2002



A tabela 04 apresenta a distribuição, por Habilitação, dos alunos ingressantes no quinquênio. A compreensão desse dado demanda considerar que durante o quinquênio selecionado pela pesquisa houve uma Reforma Curricular no programa de pedagogia da

UnB. Essa reforma foi implantada em 2003 e corresponde ao currículo vigente até a presente data. O currículo vigente até a referida reforma contemplava diversas habilitações (Orientação Educacional, Magistério para Início de Escolarização, Ensino Especial, etc.). O novo currículo foi concebido sob o espírito do fim das habilitações. Os ingressantes a partir de 2003 passaram a ser titulados em “Pedagogia”, pura e simplesmente. Aos alunos do antigo currículo que ainda cursavam o curso foi facultado escolher se preferiam permanecer naquele currículo ou se preferiam migrar para o novo currículo, mediante um complexo processo de equivalência de disciplinas e complementação de disciplinas. Isso explica por que a Tabela 04 contém a categoria “Pedagogia” (denominação dos alunos inscritos no novo currículo) ao lado das habilitações (do antigo currículo).

Um ponto importante a observar aqui, mas que escapa aos objetivos da presente análise, é o fato de o novo currículo ter acomodado dentro dele, em certa medida, na forma de disciplinas obrigatórias, saberes referentes às antigas habilitações (ensino especial, orientação educacional, administração escolar, etc.). Helaine Silva (2011) chamou a atenção desse ponto de sorte a mostrar a estruturação algo confusa das chamadas “áreas temáticas” no curso de Pedagogia da UnB comparativamente à estruturação das áreas acadêmicas no curso de Pedagogia de Singapura (cf. Silva, 2011). No que isso se relaciona com nossa pesquisa, a questão consiste em saber em que medida o currículo novo, ao tentar contemplar de forma difusa todas as habilitações preexistentes no currículo antigo, não acabaria gerando um profissional iniciado precariamente em muitas diversas competências.

Na Tabela 04 observamos grande concentração de alunos optando por Pedagogia, Orientação Educacional e Magistério para Início de Escolarização, ou seja, a maior parte dos graduandos optam por atuar em sala de aula, escolhem lecionar como sua profissão.

Tabela 04 - Distribuição dos alunos ingressantes no quinquênio por Habilitações

Combinações encontradas entre 1ª e 2ª Habilitações	f	%
Pedagogia	516	56,4
Orientação Educacional	126	13,8
Magistério para Início de Escolarização	87	9,5
Magistério para Início de Escolarização - Orientação Educacional	55	6,0
Orientação Educacional - Magistério para Início de Escolarização	50	5,5
Orientação - Pedagogia	30	3,3
Magistério para Início de Escolarização - Orientação Educacional	20	2,2
Outras combinações	31	3,4
Total	915	100,0

A tabela 05 que traz o número de formandos e o tempo médio para se formar, destacamos o baixo número de formandos visto que se matricularam 1.186 (tabela 02).

Essa tabela também demanda um esclarecimento prévio. Os dados referentes ao tempo médio de formação dos alunos do período Noturno pode suscitar estranheza, pois revelam-se muito abaixo do tempo médio de formatura dos alunos do período Diurno. Ocorre que no período considerado, a Faculdade de Educação firmou um Convênio com a Fundação Educacional do Distrito Federal com vistas a oferecer um curso de formação complementar aos professores da rede pública de ensino que não haviam ainda se graduado em pedagogia (possuíam formação de nível médio, o chamado curso normal, ou eram graduados em nível superior sem formação pedagógica). Nos termos do convênio firmado, esse contingente de alunos continuaria trabalhando como professores na rede pública e receberiam formação pedagógica complementar no período noturno. Daí o tempo médio dessas turmas ser bem inferior ao tempo médio dos alunos do período diurno.

Feita essa ressalva, a tabela 05 mostra que, de forma geral, a média de tempo (total) para se formar ultrapassa os quatro anos, o que nos remete lá na frente à análise dos resultados onde nos pontos fracos do curso, alguns ex-alunos ressaltam a quantidade de disciplinas/créditos, a falta de orientação do curso em que muitas vezes o aluno fica perdido no meio de tantas disciplinas e projetos e acaba prolongando seu tempo de graduação. Aspectos esses que ajudariam a explicar essa “demora” para se formar apresentada na tabela 05.

Tabela 05 - Duração do curso entre os Formados por ano/semestre de ingresso e turno *

Semestre e Ano de ingresso	Nº de formados			Tempo médio dispendido para se formar (em anos) *		
	Diurno	Noturno	Total	Diurno	Noturno	Total
2º/1999	54	0	54	5,1		5,1
1º/2000	25	22	47	6,0	2,5	4,3
2º/2000	41	35	76	4,8	5,0	4,8
1º/2001	24	27	51	5,2	3,1	4,1
2º/2001	42	17	59	4,2		4,2
1º/2002	41	15	56	4,8	3,8	4,5
2º/2002	33	8	41	6,2		6,2
1º/2003	45	18	63	5,0	4,3	4,8
2º/2003	55	17	72	5,1	3,2	4,9
1º/2004	43	7	50	5,1	5,7	5,2
Total	403	166	569	5,0	4,9	5,0

* Infelizmente não conseguimos obter informação sobre a modalidade de desligamento o universo total de ingressantes no quinquênio, qualquer que tenha sido a forma de ingresso. A única informação que conseguimos foi a lista daqueles que saíram por meio da formatura. Em razão disso, não conseguimos calcular a taxa de evasão no período.

3.2. Perfil dos egressos pesquisados

Consideremos, agora, o perfil dos egressos, segundo os dados do survey. Com relação ao sexo dos pesquisados (tabela 06), a predominância é do sexo feminino que representa 72% da amostra. Constatou-se, que o perfil dos ex-alunos apresentou percentual de 76,9% para o sexo feminino (tabela 03), podemos dizer, desta forma, que o perfil da nossa amostra pesquisada (não probabilística) se aproxima do perfil dos ex-alunos para a variável sexo. A distribuição segundo estado civil mostra que 47% são solteiros. Segundo o nº de filhos, 60% dos respondentes não possuem filhos. Na amostra pesquisada, 34% ainda residem com os pais e 69% residem em outra localidade do DF.

Tabela 06 – Características demográficas dos egressos pesquisados

Indicador	f	%
Sexo		
Feminino	86	72%
Masculino	33	28%
Total	119	100%
Estado civil		
Solteiro	59	47%
Casado	50	40%
Separado	8	7%
Outro	7	6%
Total	124	100%
Nº de filhos		
Nenhum	74	60%
Um	36	29%
Dois	8	6%
Três ou mais	6	5%
Total	124	100%
Com quem reside		
Com a própria família (cônjuge e/ou filhos)	63	52%
Com os pais	42	34%
Sozinho(a)	9	7%
Outra situação	8	7%
Total	59	48%
Onde reside atualmente		
Outra localidade do DF	86	69%
Plano Piloto	33	27%
Fora do DF	5	4%
Total	124	100%

Em relação à conclusão do curso, 90% dos ex-alunos pesquisados concluíram o curso. Como podemos ver na tabela 07.

Tabela 07 – Concluiu o curso de pedagogia da UnB?

Concluiu o curso?	Masculino		Feminino		Total	
	f	%	f	%	f	%
Não concluiu o curso	6	7%	6	18%	12	10%
Concluiu o curso	80	93%	27	82%	107	90%
Total	86	100%	33	100%	119	100%

Sobre os fatores que contribuíram para a não conclusão do curso, notou-se que problemas de ordem pessoal (55%) e insatisfação com a qualidade acadêmica do curso (36%), foram os fatores que mais pesaram. É o que mostra a Tabela 08.

Tabela 08 – Fatores que contribuíram para a não conclusão do curso

Fatores		Não pesou	Pesou um pouco	Pesou muito	Total
Problemas de ordem pessoal (doença, dificuldade financeira, crise familiar, etc.)	f	2	3	6	11
	%	18%	27%	55%	100%
Insatisfação com aspectos administrativos do curso (greves constantes, precariedade da	f	5	3	3	11
	%	46%	27%	27%	100%
Insatisfação com a qualidade acadêmica do curso (conteúdo das disciplinas, despreparo	f	4	3	4	11
	%	36%	28%	36%	100%
Dúvida sobre a vocação pessoal para a carreira do magistério	f	6	2	3	11
	%	55%	18%	27%	100%
Mudança de interesse profissional	f	7	3	1	11
	%	63%	27%	9%	100%
Preocupação com a estabilidade financeira no futuro, tendo em vista a remuneração	f	6	4	1	11
	%	55%	36%	9%	100%

A busca por outro curso superior, ou curso de especialização é bem frequente na área de Pedagogia, o que se confirmou na amostra pesquisada (tabela 09), em que 70% dos respondentes afirmam ter continuado estudando, fazendo outro curso superior, especialização, mestrado ou doutorado.

Tabela 09 – Faz ou está fazendo outro curso superior

Tipo de curso	f	%
Não	35	30%
Sim, curso superior em outra área	12	10%
Sim, curso de especialização (pós-graduação lato sensu, aperfeiçoamento)	51	44%
Sim, mestrado	12	11%
Sim, doutorado	1	1%
Sim, outro	5	4%
Total	116	100%

No grupo pesquisado notou-se uma baixa taxa de desemprego, apenas 3%. Os setores de atuação mais frequentes entre os respondentes são no setor público (70%) e no setor privado (22%), a menos frequente é como proprietário (1%).

A faixa salarial que apresenta maior concentração entre 3 e 10 salários mínimos, o que dá uma renda pessoal média de 4.513,00 reais (aproximação), com representatividade de 62% da amostra.

A renda familiar concentrou-se na faixa de 11 á 20 salários mínimos, aproximando a renda familiar média de 7.754,00 reais. A comparação entre as médias da renda pessoal e a renda familiar já sugere que a renda dos entrevistados tem uma grande contribuição na renda familiar. Para melhor explorar essa questão, contudo, importa saber primeiramente o tipo de ocupação que os entrevistados estão exercendo no mercado de trabalho. É o que mostra a Tabela 10.

Tabela 10 – Características da situação laboral dos egressos

Indicador	f	%
Exerce atividade remunerada atualmente?		
Não (estou me dedicando exclusivamente aos estudos ou a outra atividade não remunerada)	12	10%
Não, mas estou procurando emprego	4	3%
Sim, estou trabalhando.	107	87%
Total	123	100%
Setor onde exerce a ocupação principal		
Empregado no setor público	85	70%
Empregado no setor privado	27	22%
Autônomo ou profissional liberal	5	4%
Proprietário ou sócio proprietário	1	1%
Membro de ONG, sindicato, partido político, associação	3	3%
Total	121	100%
Renda pessoal na ocupação principal		
Até 3 salários-mínimos	16	13%
De 3 a 10 salários-mínimos	75	62%
De 11 a 20 salários-mínimos	28	23%
De 21 a 30 salários-mínimos	2	2%
Mais de 30 salários-mínimos	0	0%
Total	124	100%
Renda Pessoal média na ocupação principal (ponto médio em R\$)	4.513,00 reais	
Renda familiar		
Até 3 salários-mínimos	1	1%
De 3 a 10 salários-mínimos	46	38%
De 11 a 20 salários-mínimos	52	42%
De 21 a 30 salários-mínimos	15	12%
Mais de 30 salários-mínimos	8	7%
Total	122	100%
Renda Familiar média (ponto médio em R\$)	7.754,00 reais	

Na ocupação principal dos egressos pesquisados 42% estão atuando na área educacional (auxiliar pedagógica, coordenador pedagógico, pedagogo, professor). Destaca-se também a ocupação de servidor público (13%) e bancário (10%). Como mostra a tabela 11.

É interessante observar que os próprios entrevistados apresentam-se no mercado de trabalho como “professores” ou como “pedagogos”. Não saberíamos dizer, pois o instrumento não explorou essa questão, se essa diferenciação envolve alguma diferenciação de status. Nesse caso, não saberíamos dizer se parte daqueles que se

identificaram como pedagogos atuam como professores (mas preferem se identificar profissionalmente como pedagogos).

Tabela 11 – Ocupação principal dos egressos pesquisados

Ocupação	f	%
Professor	32	27%
Servidor público	15	13%
Bancário	12	10%
Pedagogo	7	6%
Consultor técnico	6	5%
Gestor público	6	5%
Assistente administrativo	5	4%
Agente administrativo	4	3%
Coordenador pedagógico	4	3%
Militar	4	3%
Analista	3	3%
Auxiliar pedagógica	3	3%
Gerente de empresa	3	3%
Gerente de projetos	3	3%
Orientador educacional	3	3%
Aeronauta	1	1%
Carteiro	1	1%
Designer Sênior	1	1%
Economiário	1	1%
Garçonete	1	1%
Metroviário	1	1%
Técnico judiciário	1	1%
Total	117	100%

Tendo em vista, portanto, esse quadro ocupacional, podemos agora explorar melhor a questão do peso relativo da renda pessoal em relação à renda familiar. Para isso, geramos uma informação sobre a ocupação e o setor em que os educadores estão atuando. Nesse sentido, conforme se verifica no Gráfico 04 e na Tabela 12, o peso relativo da renda pessoal na renda familiar apresenta uma diferença importante entre os professores que atuam no setor público e os professores que atuam no setor privado.

Em relação ao peso relativo da renda pessoal na composição da renda familiar verifica-se que o professor no setor público tem o peso relativo bem superior ao de professor no setor privado. Considerando a estimativa das rendas pessoais e familiares médias a partir do ponto médio arbitrário das classes de renda utilizadas no

levantamento, observa-se que a renda pessoal média dos professores do setor público ganham R\$ 4.071,65, ao passo que a renda familiar média desse segmento é de R\$ 6.361,78 reais. Isso já sugere que a rendas famílias nesse segmento depende fortemente do salário do professor. Contrasta com essa situação as rendas pessoal e familiar dos professores que trabalham no setor privado. Nesse segmento, a renda pessoal média é de R\$ 2.134,78 reais e a renda familiar média é de R\$ 8.951,78. Nesse caso, os dados já indicam que a renda pessoal pesa menos no conjunto da renda familiar dos professores que atuam no setor privado do que dos colegas de profissão que atuam no setor público.

Gráfico 04 - Comparação entre a Renda Pessoal e a Renda Familiar por Ocupação Principal

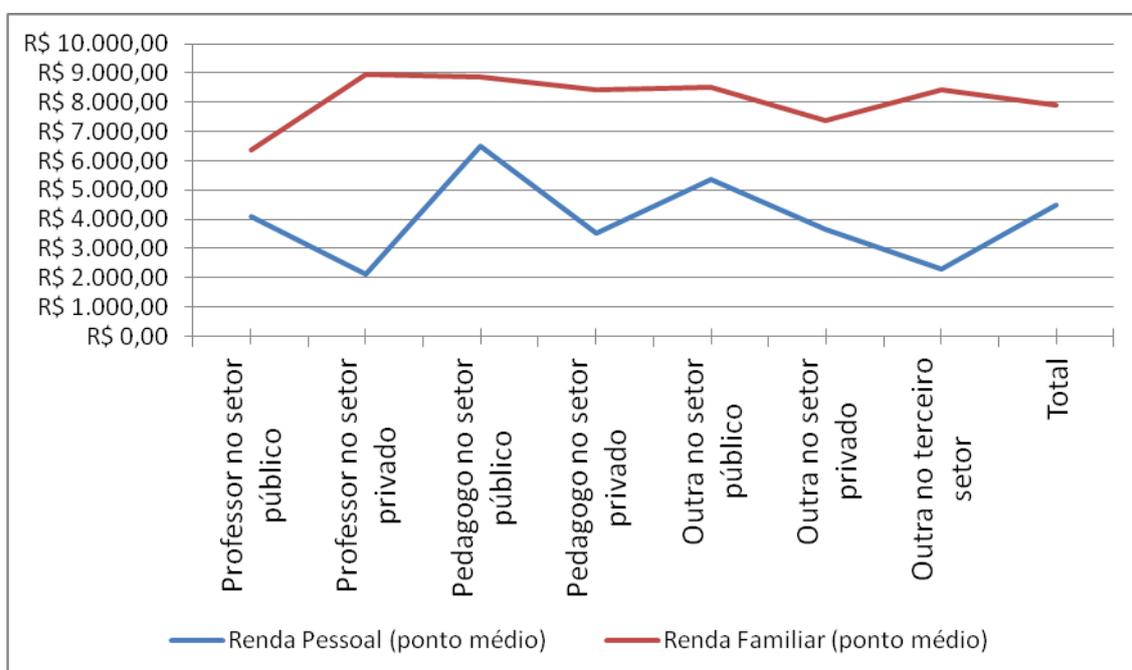


Tabela 12 – Peso relativo da Renda Pessoal na Composição da Renda Familiar

Ocupação Principal	Renda Pessoal (ponto médio em R\$) A	Renda Familiar (ponto médio em R\$) B	A/B (%)
Professor no setor público	4.071,65	6.361,78	64%
Professor no setor privado	2.134,78	8.951,78	24%
Pedagogo no setor público	6.485,00	8.846,80	73%
Pedagogo no setor privado	3.542,00	8.447,00	42%
Outra no setor público	5.344,22	8.525,59	63%
Outra no setor privado	3.644,50	7.394,05	49%
Outra no terceiro setor	2.275,50	8.447,00	27%
Total	4.474,80	7.882,59	57%

O primeiro ponto a observar aqui é que não se pode fazer inferências categóricas com uma amostra pequena e não probabilística como a nossa. Conforme se observa, apenas nove pesquisados atuam como professores na rede privada de ensino. No mínimo, contudo, os dados acima sugerem a importância de se investigar melhor essa questão. Vale observar, por exemplo, que o Vencimento Total de um professor não pós-graduado da rede pública do Distrito Federal, em regime de Dedicção Exclusiva e 10 anos de serviço, é de R\$ 5.039,32 (cf. <http://www.gdf.df.gov.br/sites/400/443/00000216.pdf>).

Ao que parece, portanto, o dado que coletamos acerca da renda pessoal dos professores do setor público parece corresponder efetivamente à realidade desse segmento. Entretanto, insistimos nisso, não podemos arriscar esse tipo de inferência acerca dos professores que atuam na rede privada a partir de nossos dados. O fato observado na pesquisa dos professores da rede privada receberem em média praticamente a metade dos professores da rede pública merece ser melhor interpretado e investigado.

Analisando a situação salarial que encontramos, conjecturamos primeiramente se a maior remuneração aferida pelos professores da rede pública em relação àquela aferida pelos professores da rede privada não estaria relacionada às variáveis como Estado Civil e Com Quem Reside. Como mostra a Tabela 13, contudo, essas variáveis não parecem explicar claramente essa diferença na remuneração.

Uma explicação provável talvez seja a Jornada de Trabalho (jornada integral entre os professores da rede pública versus meia-jornada entre os professores da rede

privada). Infelizmente, contudo, não inserimos essa variável em nosso questionário. Outro aspecto a considerar, sobre essa questão, é o fato, bastante conhecido, de que muitos professores que atuam na rede privada gozam do benefício de bolsas de estudos parciais ou integrais para seus filhos nas escolas onde trabalham (o que deve ser interpretado como um adicional expressivo na remuneração desses professores).

Tabela 13 – Estado Civil e Com quem reside por Ocupação principal

Ocupação Principal	Estado civil				Total
	Solteiro	Casado	Separado	Outro	
Professor no setor público	13	7	0	3	23
	56,5%	30,4%	,0%	13,0%	100,0%
Professor no setor privado	5	4	0	0	9
	55,6%	44,4%	,0%	,0%	100,0%
Pedagogo no setor público	6	4	0	0	10
	60,0%	40,0%	,0%	,0%	100,0%
Pedagogo no setor privado	0	1	0	0	1
	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
Outra no setor público	12	18	4	3	37
	32,4%	48,6%	10,8%	8,1%	100,0%
Outra no setor privado	13	5	2	1	21
	61,9%	23,8%	9,5%	4,8%	100,0%
Outra no terceiro setor	1	1	0	0	2
	50,0%	50,0%	,0%	,0%	100,0%
Ocupação Principal	Com quem reside				Total
	Com os pais	Família própria	Sozinho	Outra situação	
Professor no setor público	11	12	0	0	23
	47,8%	52,2%	,0%	,0%	100,0%
Professor no setor privado	5	4	0	0	9
	55,6%	44,4%	,0%	,0%	100,0%
Pedagogo no setor público	3	4	2	1	10
	30,0%	40,0%	20,0%	10,0%	100,0%
Pedagogo no setor privado	0	1	0	0	1
	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
Outra no setor público	9	24	3	1	37
	24,3%	64,9%	8,1%	2,7%	100,0%
Outra no setor privado	7	6	3	5	21
	33,3%	28,6%	14,3%	23,8%	100,0%
Outra no terceiro setor	1	1	0	0	2
	50,0%	50,0%	,0%	,0%	100,0%
Ocupação Principal	Onde reside			Total	
	Plano Piloto	Outra Região no DF	Fora do DF		
Professor no setor público	2	20	1	23	
	8,7%	87,0%	4,3%	100,0%	
Professor no setor privado	3	5	1	9	
	33,3%	55,6%	11,1%	100,0%	
Pedagogo no setor público	3	7	0	10	
	30,0%	70,0%	0,0%	100,0%	
Pedagogo no setor privado	0	0	1	1	
	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
Outra no setor público	9	27	1	37	
	24,30%	73,00%	2,70%	100,00%	
Outra no setor privado	9	11	1	21	
	42,9%	52,4%	4,8%	100,0%	
Outra no terceiro setor	1	1	0	2	
	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%	

Em todo caso, na Tabela 14 quando perguntados pela satisfação com a atividade e com a remuneração, os dados mostraram que os professores estão mais insatisfeitos com a Remuneração recebida do que as demais ocupações. Especialmente os professores que atuam no setor privado (56% deles disseram-se insatisfeitos ou muito insatisfeitos). Curiosamente, contudo, no que tange ao grau de satisfação com a Atividade exercida na ocupação principal, são os professores também quem apresentam graus mais elevados de satisfação, praticamente iguais nos setores públicos e privados de ensino.

Caberia investigar melhor o quanto esse dado contraria um pouco a tese corrente acerca do elevado grau de estresse vivido pelos professores em função das condições de trabalho que dispõem. Não coletamos dados específicos sobre essa questão, mas os dados referentes à experiência que nossos entrevistados tiveram com o ensino talvez possam ajudar a balizar o tema.

Tabela 14 – Grau de satisfação com a remuneração recebida e com a atividade exercida na Ocupação Principal

Ocupação Principal	Satisfação com a Remuneração			Total
	Muito insatisfeito ou insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Muito satisfeito ou satisfeito	
Professor no setor público	10 44%	7 30%	6 26%	23 100%
Professor no setor privado	5 56%	2 22%	2 22%	9 100%
Pedagogo no setor público	1 10%		9 90%	10 100%
Pedagogo no setor privado			1 100%	1 100%
Outra no setor público	7 19%	10 27%	20 54%	37 100%
Outra no setor privado	7 33%	4 19%	10 47%	21 100%
Outra no terceiro setor		1 50%	1 50%	2 100%
Total	34 28%	32 26%	56 46%	122 100%
Ocupação Principal	Satisfação com a Atividade exercida			Total
	Muito insatisfeito ou insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Muito satisfeito ou satisfeito	
Professor no setor público	3 13%	3 13%	17 74%	23 100%
Professor no setor privado	2 22%		7 78%	9 100%
Pedagogo no setor público	2 20%	1 10%	7 70%	10 100%
Pedagogo no setor privado			1 100%	1 100%
Outra no setor público	9 24%	7 19%	21 57%	37 100%
Outra no setor privado	3 14%	5 24%	13 62%	21 100%
Outra no terceiro setor			2	2
Total	20 16%	21 17%	81 67%	122 100%

Na Tabela 15, foi possível observar que 74% já atuaram ou atuam na área educacional. Vale ressaltar que 28% dos graduados em pedagogia na UnB nunca atuaram em sua área de formação.

Tabela 15 - Atuou na área da educação

	Não concluiu Pedagogia UnB	Concluiu Pedagogia UnB	Total
Nunca atuou na área de educação	9	23	32
	75%	21%	26%
Atuou no magistério	2	32	34
	17%	29%	28%
Atuou na área técnico-administrativa	0	14	14
	0%	13%	11%
Outro tipo de atuação	1	19	20
	8%	17%	16%
Atuou em mais de uma área educacional	0	23	23
	0%	21%	19%
Total	12	111	123
	100%	100%	100%

No que diz respeito ao intervalo de tempo entre a formatura e o ingresso no primeiro emprego na área educacional, contatou-se, assim como mostra a Tabela 16, que a maior parte 49% já atuava na área antes mesmo de se formarem. Por outro lado, 15% levaram acima de 12 meses para ingressarem no primeiro emprego na área educacional.

Não indagamos os entrevistados sobre o que se passou entre a formatura e o primeiro emprego, se eles ficaram desempregados ou inativos nesse período, por exemplo.

Veremos um pouco mais adiante, contudo, a percepção que eles têm dos pontos fortes e fracos da formação recebida em função das atividades profissionais que desempenham atualmente.

Tabela 16 – Intervalo de tempo entre a formação e o ingresso no primeiro emprego

Indicador	f	%
Já trabalhava na área	43	49%
Até 3 meses	13	15%
De 3 a 6 meses	8	9%
Acima de 6 a 12 meses	11	13%
Acima de 12 meses	13	15%
Total	88	100%

Quando perguntados sobre os níveis de ensino nos quais já lecionou 25% lecionou mais de dois anos na educação infantil e 33% nas series iniciais do ensino fundamental. Observa-se que há mais atuação na EJA (9%) e no Ensino Superior (10%) do que nas series finais do Ensino Fundamental (1%).

Tabela 17 – Níveis de ensino nos quais já lecionou ou leciona

Nível de ensino	Nunca	Até 2 anos	Mais de 2 anos	Total
Educação infantil (maternal, creche, jardim de infância)	15 23%	33 52%	16 25%	64 100%
Séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª séries)	17 28%	24 39%	20 33%	61 100%
Séries finais do ensino fundamental (5ª a 8ª séries)	30 83%	5 9%	1 3%	36 100%
Ensino médio regular (1º a 3º anos)	32 91%	3 9%		35 100%
Educação de jovens e adultos (EJA)	25 60%	13 31%	4 9%	42 100%
Ensino superior	30 77%	5 13%	4 10%	39 100%

Ressalta-se que com relação à distância entre o local de trabalho e a residência, o grupo pesquisado está meio a meio, onde 50% trabalham perto de sua residência (em uma única escola ou em mais de uma escola) e 50% trabalham longe do seu local de moradia (em uma única escola ou em mais de uma escola).

Tabela 18 – Relação Local de Trabalho e de residência dos que atuam no magistério

Condição	f	%
Trabalho em uma única escola localizada perto de minha residência	28	42%
Trabalho em mais de uma escola localizada perto de minha residência	5	7%
Trabalho em uma única escola localizada longe de minha residência	21	31%
Trabalho em mais de uma escola localizadas longe de minha residência	13	19%
Total	67	100%

Sobre os aspectos do curso que têm contribuído para as atividades que desenvolve na ocupação principal, Tabela 19, a amostra pesquisada deu destaque a convivência informal com os colegas como o fator que mais tem contribuído (50%), seguido do estágio (47%) e da convivência informal com os professores (47%). Acreditamos que esse resultado pode ser melhor entendido quando, mais adiante, a amostra expressa os pontos fortes e fracos do curso de Pedagogia. Onde notamos que os pesquisados expressam grande fragilidade do curso em relação às disciplinas de formação teórica e as disciplinas de formação profissional e ressaltam ainda a falta de união entre ambas (teoria e prática).

Tabela 19 – Aspectos do curso que tem contribuído para as atividades que desenvolve na ocupação principal

Fatores	Não tem contribuído	Têm contribuído um pouco	Tem contribuído muito	Total
As disciplinas de formação teórica geral que você cursou (história, filosofia, sociologia, antropologia, etc.)	21	43	51	115
	18%	37%	44%	100%
As disciplinas de formação profissional que você cursou (didáticas e metodologias de ensino, etc.)	20	51	44	115
	17%	44%	38%	100%
O estágio que você realizou	27	32	52	111
	24%	29%	47%	100%
Participação em grupos de pesquisa	12	37	44	93
	13%	40%	47%	100%
Participação em monitoria(s)	28	31	25	84
	33%	37%	30%	100%
Convivência informal com professores	14	40	48	102
	14%	39%	47%	100%
Convivência informal com colegas de curso	12	45	56	113
	11%	40%	50%	100%

A questão do estágio supervisionado merece ser aqui destacada. Perguntamos aos ex-alunos sobre as características básicas do estágio que eles realizaram e o tempo de duração dessa experiência. Nos dados da Tabela 20 é muito importante observar que menos da metade (48%) dos alunos exerceram o magistério sob supervisão de um professor da escola. Outros 39% realizaram um estágio que não contempla os requisitos (participação em aulas regulares; lecionar sob supervisão de um professor da escola), que são importantes para a formação profissional. Há de se destacar, ainda, que 12% dos egressos do curso de pedagogia não realizaram nenhum tipo de estágio no período de

formação (fato ainda mais preocupante se considerarmos que metade deles passaram a exercer o magistério na educação infantil e nas séries iniciais depois de formados).

Ainda com respeito ao estágio, cabe observar que, além de ser pouco supervisionado, ele possui uma carga horária em sala de aula extremamente reduzida. Compare-se esse dado, por exemplo, com o curso de pedagogia do National Institute of Education de Singapura, que destina 1/3 da formação dos futuros professores à prática docente supervisionada. (cf. SILVA, 2011).

O grande problema do estágio supervisionado, portanto, parece residir no fato de ele constituir, em forte medida, a simples atividades de observação na escola, muitas vezes fora da sala de aula, sem qualquer envolvimento direto no exercício do magistério. Sem contar a carga horária destinada ao estágio onde por lei o mínimo é de 300 horas, e que apesar de muitos cursos de Pedagogia destinarem esse tempo e até mais horas, não explicam como funciona esses estágios. (cf. GATTI)

Tabela 20 – Características do estágio supervisionado

ATIVIDADES REALIZADAS	
Não realizei estágio supervisionado	13 11,6%
Observei o funcionamento da escola, sem, contudo, assisti aulas	10 8,9%
Assisti aulas regulares na escola, mas não intervi nas mesmas	10 8,9%
Participei de aulas regulares, atuando como assistente do professor regente	15 13,4%
Participei de aulas regulares e lecionei sob supervisão de um professor da escola	54 48,2%
Participei de aulas regulares e lecionei sem supervisão alguma	5 4,5%
Outras combinações das atividades acima	5 4,5%
CARGA HORÁRIA TOTAL	
Não acompanhei aulas regulares em nenhuma escola	23 20,5%
Menos de 20 horas	13 11,6%
Entre 21 a 40 horas	27 24,1%
Acima de 40 a 80 horas	49 43,8%

Por fim, indagamos os ex-alunos sobre o que eles consideram ser os pontos fortes e fracos do curso de pedagogia da UnB, assim como sobre sugestões que eles teriam a fazer para a melhoria desse curso. Conforme dissemos no capítulo sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, tentamos em nossa pesquisa ir além do que fez a SPL-UnB a esse respeito. Aquela pesquisa limitou-se a apresentar uma lista com as respostas literais dos pesquisados acerca do que consideravam ser os pontos fracos, fortes e as sugestões. De forma algo amadora, tentamos categorizar as respostas dos pesquisados segundo a recomendação de “saturação” proposta pela “análise de conteúdo”. O resultado dessa categorização ajuda a compreender os dados de forma mais sintética.

Em relação aos pontos fortes, conforme se verifica na Tabela 21, os pesquisados destacaram, sobretudo a dedicação dos professores (23%) e a flexibilidade do curso (22%).

Tabela 21 – Pontos fortes do curso de Pedagogia da UnB

Pontos citados	Respostas	
	nº de citações	% das citações
Professores dedicados	35	23,0%
Flexibilidade do curso	34	22,4%
Outros pontos fortes	27	17,8%
Projetos em diversos setores	24	15,8%
Boa formação teórica, crítica	16	10,5%
Boas leituras	8	5,3%
Vivência prática	8	5,3%
Total	152	100,0%

O Quadro 1 apresenta uma amostra das palavras empregadas pelos próprios pesquisados acerca do que eles consideram ser os pontos fortes do curso que frequentaram.

Quadro 1 – Pontos fortes do curso de Pedagogia da UnB

• <i>Professores dedicados</i>
• <i>Análise crítica, muitas bibliografias, abertura do currículo para estudar outras área da pedagogia que não seja escola</i>
• <i>O curso permite ao aluno vivenciar a prática do pedagogo em diversos setores por meio de projetos, o currículo é abrangente, embora pouco explorado por alguns professores.</i>

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Formação voltada a educação e gestão públicas</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Alguns professores muito bons. Grade horária flexível.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Liberdade de escolha de temas a serem estudados.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boa formação teórica</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Gostei muito do curso. Acredito que para quem já atuava em sala de aula foi muito enriquecedor. Contribuiu muito para desenvolver a criticidade a cerca da profissão de professor.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A preocupação em formar professores pesquisadores.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Disponibilidade e boa vontade de alguns professores</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ótimo curso, bastante intredisciplinar, multicultural</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Possibilidade de interagir em outros departamentos e com alunos de outros cursos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Professores competentes e ambiente diversificado, acolhimento, contato informal com os professores.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os professores são muitos legais. E acabamos tendo encontros muito produtivos entre alunos e professores.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nível de formação dos professores</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Projetos de pesquisa juntamente com as disciplinas regulares do curso</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Possibilidade de incrementar o curso com disciplinas de outros cursos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Formação teórico-crítica, iniciação na pesquisa, debates, produção acadêmico-científica, boa formação da maioria dos professores e excelente troca com os alunos. Isso influenciou em definitivo minha prática no magistério.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>diversas formações para atuar na área (hospitalar, corporativa, escola, etc)</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A visão macro da Pedagogia que a UnB oferece, apresentando espaços além da sala de aula para o trabalho do Pedagogo.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Competencia acadêmica dos professores</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O nível dos professores, das leituras e das discussões realizadas, a metodologia da pedagogia de projetos implantada no currículo pleno</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O curso abrange a educação de uma forma muito ampla, conhecemos um pouco de cada área.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A visão de se preocupar com o desenvolvimento das crianças em todos os aspectos. A valorização dos conhecimentos, ideias e sentimentos dos educandos, lhe oferecendo subsídios, apontando caminhos para novos conhecimentos. Formando, assim, cidadãos críticos. A visão de valorização da Educação em geral. A certeza do potencial transformador da Educação e a ideia de que essa transformação vale a pena apesar das dificuldades. As possibilidades de ampliar o conhecimento e adquirir experiências através de palestras, cursos de extensão, pesquisas e projetos com saídas de campo.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O trabalho em equipe ajudou muito a inibir meu lado centralizador, os métodos de estudo, os seminários, os debates de assuntos e conceitos pedagógicos e teorias da educação, as representações antropológicas das várias faces sociais, a educação à distância como marco inicial da revolução educacional acessível a todos, a socialização com colegas e professores, dúvidas, medos nos levaram a um crescimento positivo, até mesmo no processo de estudo de monografia, todas as pesquisas que foram realizadas e contadas em grupo, um curso específico que fizemos para aprendermos como fazer uma monografia, as entrevistas com colegas e professores, foram experiências maravilhosas.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Projetos, semana de extensão, vivências acadêmicas, prestígio da UnB</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dedicação e disponibilidade dos professores</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O nível de conhecimento dos docentes da FE.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>As leituras recomendadas, os debates em sala de aula, a qualificação dos professores, a oportunidade de cursar disciplinas fora do currículo obrigatório, a possibilidade de decidir quando realizar as disciplinas, a variedade de oportunidades na universidade (grupos de pesquisa na FE e outros, monitorias, extensão, grupos de discussão)</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ampla, apesar de superficial, formação em humanidades</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Excelentes professores; ótimo embasamento teórico; grande oferta de disciplinas e projetos; formação abrangente; relacionamento professor-alunos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O estudos teóricos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Envolvimento com projetos, convívio com os colegas</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Poder cursar disciplinas em outros departamentos. Exemplo, introdução a sociologia no departamento de sociologia. Poder ter cursado algumas disciplinas do curso de comunicação, pois penso que essa área do conhecimento hoje se torna indispensável a formação de um educador. Pedagogia não pode se restringir a práticas ligadas a escola.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A grade curricular foi elaborada para proporcionar um aprendizado especialmente voltado para a formação de um educador consciente da realidade educacional brasileira.</i>

• <i>Interdisciplinaridade e diversidade de conteúdos</i>
• <i>O curso foi muito bom, possui formação humanizadora e me preparou para concursos públicos.</i>
• <i>visão de mundo, constituição ideológica, sólida formação nas tendências atuais de Educação</i>
• <i>A possibilidade de experienciar ensino, pesquisa e extensão por meio dos Projetos 3.</i>
• <i>Bons professores que despertam a reflexão e não simplesmente dão "receitas de bolo".</i>

Em relação aos pontos fracos, como mostra a Tabela 22, a amostra destacou principalmente, as disciplinas ausentes, fracas ou esparsas (24%), e a falta de associação com a prática, falta de metodologias (21%). Dado que nos remete à Tabela 19, onde perguntados sobre os aspectos do curso que têm contribuído para as atividades que desenvolve na ocupação principal, as disciplinas de formação teórica e profissional pouco tiveram destaque, e que aparecem aqui como pontos fracos do curso.

Tabela 22 – Pontos fracos do curso de Pedagogia da UnB

Pontos citados
Disciplinas ausentes, fracas ou esparsas
Outro ponto fraco
Falta associação com a prática, metodologias
Falta de compromisso de alguns professores
Falta de estrutura física dos prédios
Foco concentrado no magistério, na sala de aula
Falta de foco e de orientação do curso
Total

O Quadro 2 apresenta uma amostra das palavras empregadas pelos próprios pesquisados acerca do que eles consideram ser os pontos fracos do curso.

Quadro 2 – Pontos fracos do curso de Pedagogia da UnB

• <i>Estágio que não é bem supervisionado</i>
• <i>Matérias esparsas não correspondentes à realidade.</i>
• <i>O curso apresenta várias possibilidades de atuação do pedagogo, porém a maioria das matérias estão voltadas para o professor que trabalha em sala de aula.</i>
• <i>Disciplinas sem aplicação prática</i>

<ul style="list-style-type: none"> • Espaço físico, falta de maior direcionamento do conteúdo. A tentativa de proporcionar aos alunos maior abrangência pode acabar contribuindo para que o curso adquira um aspecto genérico.
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de um direcionamento no curso
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura física dos prédios muito ruins.
<ul style="list-style-type: none"> • Falta unir mais a teoria com a prática
<ul style="list-style-type: none"> • Estágio, prática... Só sei o que é "dar aula" na teoria
<ul style="list-style-type: none"> • Muitos professores, temporários ou não, desqualificados e descomprometidos com a formação dos graduandos, com a FE, e com a própria formação. A falta de investimento na estrutura física prejudica o estudante nas épocas de calor e seca e dificulta a permanência nas salas de aula. A oferta de recursos tecnológicos ultrapassados da FE também não colabora para que os estudantes realizem pesquisas e tenham acesso a informações nas dependências da faculdade.
<ul style="list-style-type: none"> • Péssima formação prática
<ul style="list-style-type: none"> • Baixo aprofundamento em conteúdos e práticas relativos ao exercício do magistério.
<ul style="list-style-type: none"> • Os estágios supervisionados ocorreram no final do curso. Algumas disciplinas mostraram-se distantes da realidade de sala de aula.
<ul style="list-style-type: none"> • A metodologia e ausência de disciplinas importantes, como educação e relações étnico-raciais, essencial para atender as exigências da lei 10639/03.
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de comprometimento de alguns professores
<ul style="list-style-type: none"> • Curso extremamente teórico; quantidade exagerada de leituras; curso muito cansativo e por vezes se torna chato.
<ul style="list-style-type: none"> • falta de aulas mais expositivas
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de associação com a prática do professor em disciplinas como didática fundamental.
<ul style="list-style-type: none"> • A não oferta de muitas disciplinas no horário noturno.
<ul style="list-style-type: none"> • Distanciamento da escola pública nas regiões administrativas fora de Brasília
<ul style="list-style-type: none"> • Grade horária e alguns professores com pouco compromisso na docência
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de interação com o pessoal da pós graduação motivada ainda pelo elitismo da academia.
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de apoio, de orientação e de informação sobre a parte administrativa do curso após o ingresso na Universidade o que dificulta a organização de perspectivas do curso já que muitos não escolheram esta profissão/ Falta de disciplinas opcionais atrativas no período noturno.
<ul style="list-style-type: none"> • Quase nenhum contato com a realidade. Falta de formação técnico-didática.
<ul style="list-style-type: none"> • Poucas aulas de didática prática, oficinas. Temos muita teoria e pouca prática.
<ul style="list-style-type: none"> • curso de duração muito longa
<ul style="list-style-type: none"> • A redundância de algumas disciplinas e a falta de disciplinas obrigatórias que envolvam a educação à distância, a administração pedagógica, a educação corporativa, a andragogia e o empreendedorismo em educação.
<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de metodologias
<ul style="list-style-type: none"> • Pouca articulação entre teoria e prática, baixa exigência dos alunos por parte dos professores
<ul style="list-style-type: none"> • Foco concentrado na sala de aula
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de orientação na hora de escolher as disciplinas e projetos.
<ul style="list-style-type: none"> • Greves. Alguns professores que, sob o pretexto de não concordar com o "sistema", muitas vezes discutem muito, mas fazem pouco ou nada para gerar alguma mudança. Lembrando que percebemos compromisso real com mudanças na maioria dos professores. Dificuldade para conseguir matrícula em algumas disciplinas, principalmente nos últimos semestres.
<ul style="list-style-type: none"> • Havia alguns professores com espírito revolucionário em sala, pregavam uma coisa e fora da sala não era exatamente o que falavam. Muitos tinham medo de saber menos que os alunos (e às vezes não sabiam mesmo). A falta de liberdade que tive ao fazer a minha monografia da maneira que eu queria, com o assunto identificado por mim, foi indelicadamente negado pelo professor. Tive uma ótima orientadora e um trabalho de meses, cansativo e penoso para elaborar e fazer minha monografia, escolhi esse professor para apresentar meu trabalho, ele queria que mudasse tudo, até o título, depois de tudo pronto. Mas graças a Deus tudo foi resolvido. Fiquei decepcionada com este episódio da minha vida acadêmica, mas para compensar, todos os concursos públicos que fiz e faço para o cargo de Pedagogo, meu principal material de estudo é a minha monografia. Fico felicíssima só de saber que tive um pouco de visão sobre os caminhos e a maneira que deveria utilizar a experiência acadêmica que adquiri.
<ul style="list-style-type: none"> • Greves
<ul style="list-style-type: none"> • Poucas disciplinas voltadas para a prática pedagógica
<ul style="list-style-type: none"> • Projetos pouco divulgados, mal acompanhados pelos professores, greves,
<ul style="list-style-type: none"> • Pouca orientação didática relacionada a realidade da escola pública
<ul style="list-style-type: none"> • A falta de compromisso de alguns professores com as aulas da graduação, aulas canceladas sem aviso, a falta de compromisso de alguns alunos que prejudicavam o andamento das aulas (falta de leitura etc) a temperatura das salas (muito quentes)
<ul style="list-style-type: none"> • Processo de alfabetização foi uma disciplina muito fraca eu entrei no mercado de trabalho inseguro com esse conhecimento .
<ul style="list-style-type: none"> • Baixíssima formação técnica (estudantes do CEUB são muito mais preparados para a sala de

<i>aula.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O curso é bastante amplo, e suas áreas mais fortes são as teóricas, mas as partes práticas são muito voltadas para o contexto escolar. Os alunos de Pedagogia, em geral, têm baixo auto-conceito e pouca confiança no curso que fazem, uma pena, porque o curso envolve habilidades e conhecimentos úteis a qualquer profissional e também traz muito crescimento pessoal.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Falta de prática na parte de didática e aplicação prática das teorias ensinadas</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Pouca abordagem da realidade, na prática do magistério nas escolas</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O estágio supervisionado teve uma duração muito curta.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Obrigatoriedade de cursar disciplinas que não se enquadram no curso e perspectiva profissionais de quem não quer atuar com magisterio. Professores com metodologias enfadonhas e reprodutivas de uma visão ultrapassada de mundo. Falta de inserção e conhecimento do mercado de trabalho privado.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Desorganização, infraestrutura</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os estágios supervisionados não eram tão "supervisionados" assim pelo professor(a) da UnB. No meu caso, o professor(a) não foi nenhuma vez na escola em que eu realizei o estágio. Na minha opinião, deveria.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Todas as aulas de formação didático-pedagógica pouco contribuíram. Eram muito superficiais. A área pela qual me interessei, eu aprendi no ambiente de trabalho. A faculdade não tinha professora na área.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Demagogia de alguns professores, recursos escassos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O curso ainda é muito voltado para a área escolar. Deve ser melhorado as ofertas de projetos 3.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Falta de vagas suficientes para as disciplinas necessárias</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>As áreas de pedagogia empresarial e educação a distância são pouco exploradas no curso.</i>

A Tabela 23 contempla um dos objetivos desse trabalho, que é colher sugestões dos ex-alunos do curso de pedagogia da UnB visando à melhoria da qualidade desse curso. Nesta as sugestões mais ressaltadas foram: aproximar o currículo da sala de aula (23%), e unir teoria e prática (23%). No que pese a minha própria experiência de formação, ocorrida quase dez anos após os ex-alunos pesquisados, as sugestões abaixo apresentadas ainda são pertinentes e apontam um caminho válido para a melhoria do curso de Pedagogia da UnB.

Tabela 23 – Sugestões para a melhoria do curso de Pedagogia da UnB

Pontos citados	Respostas	
	nº de citações	% das citações
Outra sugestão	33	24,8%
Aproximar o currículo da sala de aula	31	23,3%
Unir teoria e prática	31	23,3%
Aumentar o leque de disciplinas	19	14,3%
Contratar mais e melhores professores	7	5,3%
Melhorar a infraestrutura	7	5,3%
Orientar melhor os alunos	5	3,8%
Total	133	100,0%

O Quadro 3 apresenta uma amostra das sugestões feitas pelos ex-alunos.

Quadro 3 – Sugestões para a melhoria do curso de Pedagogia da UnB

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Maior dedicação dos professores na supervisão do estágio.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Uma reestruturação do curso, utilizando os espaços da própria universidade para a produção de pesquisa e formação profissional aplicada, dando retorno para a instituição, com mão de obra qualificada por ela mesma.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Atribuir mais claramente qual o papel de um pedagogo no setor de RH, por exemplo, proporcionar mais instrumentos de como o pedagogo pode ser avaliador de políticas públicas, ou seja, uso dos instrumentos reais de avaliação e de monitoramento de programas educacionais.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Colocar um currículo que tenha a ver com a realidade em sala de aula.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>É preciso estimular a leitura e domínio de conteúdos. As teorias e autores são pouco explorados, os assuntos são abordados de maneira superficial.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>currículo concebido integrado, falta integrar na prática</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Otimizar o currículo pensando no profissional no mercado de trabalho, em seus desafios práticos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Destinar maior carga à áreas específicas.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Mais atenção a efetividade do ensino teórico no curso. Conteúdo teórico ainda conta muito nos concursos públicos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>As disciplinas de didática poderiam ter mais conteúdo prático. Não me sinto apta a dar aulas, por isso que não dou aulas. Pretendo entrar na graduação de Biblioteconomia na UnB.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Abriu mais matérias, contratar mais professores e ampliar o espaço físico.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Melhor acompanhamento no estágio supervisionado</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Mais oportunidade de prática no magistério; Incentivar o contato com os maiores problemas de aprendizagem na escola pública levando a reflexão, pesquisa e busca de soluções.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Acredito que o currículo do curso já tenha mudado, o que significa que a teoria está mais próxima da prática no que diz respeito à atuação em sala de aula.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Equilibrar a prática com a teoria.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Redução da quantidade total de créditos(214), maior enfoque a outras áreas da pedagogia, como a empresarial e interfaces maior com o mundo corporativo.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Aumentar o leque de disciplinas no período noturno e com relação à didática fundamental exigir momentos práticos, não somente teóricos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Acrescentar disciplinas como língua portuguesa e outras que orientem-nos como lecionadores em determinadas disciplinas (história, geografia... material de suporte para professores de séries iniciais)</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Projetos de pesquisa em parceria com a Secretaria de Estado de Educação do DF</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>É complicado mudar cabeças, em relação, a valorizar mais a importância e diversidade do nosso curso. Acho que a mídia tem crescido muito em relação a abordagem de temas educacionais. No entanto, isso não reflete na melhoria da visão do professor das séries iniciais pela sociedade.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Maior divulgação dos projetos de pesquisa e grupos de trabalho</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Alterações na metodologia das aulas. O conteúdo é fundamental, mas a forma também é de extrema importância. Há bibliografia extensa na área de Pedagogia. Deve-se investir em maneiras criativas de abordá-las.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Melhor atendimento/orientação no ingresso e atividades de integração dos estudantes do período noturno: mais disciplinas, cursos etc.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Formei-me quando do currículo pensado para o especialista e fiz meu Estágio Supervisionado em Orientação Educacional (minha única habilitação). Infelizmente só tive contato com a realidade da escola, enquanto profissional da área, nos dois últimos semestres do curso. Além disso, o curso contribuiu para uma lacuna no que se refere aos aspectos técnico-didático-práticos. Bom seria um curso que, desde o início, unisse teoria e prática, com atuação na realidade escolar desde o primeiro semestre, já que a vocação do curso de pedagogia é o magistério.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Mais vinculação da teoria com a prática, principalmente prática de sala de aula. Como realmente alfabetizar um aluno, como sanar problemas de aprendizagem, como atuar em outros instituições organizacionais (empresas),etc.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Rever o currículo do curso é essencial para a formação de Pedagogos mais focados nos trabalhos desenvolvidos atualmente na sociedade, que extrapolam os limites da escola.</i>

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Que os projetos, desde o início do curso, estejam interconectados com as disciplinas, pois assim, as diversas disciplinas não serão apenas teorias.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Metodologias para atuação nas diversas áreas possíveis e prática ao longo do curso, bem como maior inserção dos estudantes em grupos de pesquisa e orientação para publicação de trabalhos acadêmicos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Construção de um laboratório para experimentar aulas e processos educativos em outros âmbitos. Criaria um espaço de escuta na FE para os estudantes, um espaço de orientação que funcionasse no vespertino e no noturno.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Seria ótimo se, de alguma forma, os alunos recebessem uma orientação mais detalhada na hora da escolha dos projetos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Busca de outras maneiras de reivindicar e conquistar direitos, além de greve. Maior abertura para ouvir e atender os alunos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Como a educação, as próprias universidades precisam ser melhoradas. Na minha época já se falava em melhora no curso de Pedagogia, mas na verdade não aconteceu nada de concreto em nenhum aspecto. Fiz durante algum tempo, junto com outros estudantes da Pedagogia, Engenharia, Sociologia, etc, trabalho em assentamentos, aquilo foi muito útil na minha vida como pessoa, mas na universidade os recursos repassados eram escassos, não foi possível desenvolver algo mais concreto. Não sei se hoje ainda existe, se foi dada continuidade ao trabalho que realizamos, confesso que na época a gente ia com a cara e a coragem. Falta também uma preparação melhor dos professores em sala de aula. Acho que o que se ensina deveria ter mais conteúdo, para que você não se deparasse com tantas contradições e inverdades. Muitas amigas que estudaram comigo e que hoje são professoras, sentiram falta de um melhor preparo para a realidade.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nova metodologia de grade curricular, grade fechada, cartilha sobre os projetos de 1 a 5 com coordenação única.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os estágios devem ter um acompanhamento muito rígido do professor para garantir que o aluno realmente faça o estágio. Não tive problema porque já tinha minha própria turma na época do estágio. A UnB deve se certificar que o aluno realmente conheceu a realidade de uma escola.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Mais disciplinas e orientações sobre outras áreas da pedagogia, como a EAD, orientação educacional, vocacional...</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Criar disciplinas com mais atividades de extensão, utilizar autores contemporâneos nacionais e internacionais as disciplinas deveriam ter mais leituras de livros e não somente textos soltos e fragmentados.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Professores com visão de mundo retrógrada e agressivos em relação a posicionamentos políticos e - o pior - partidários diferentes deveriam ser banidos. Universidade não é, não deveria ser, curral eleitoral de professor. Em sua maioria, eles são esquerdistas alienados. Precisam estudar a política contemporânea antes de falar.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cursei de 2004 a 2008 (acho que faltou essa pergunta), nessa época eram poucas as opções de estudo fora da área escolar. / Acho que o curso é um bacharelado, mas nos entrega um diploma de licenciados, o que diminui um pouco o "status" do curso aos olhos do mercado e dos próprios alunos. Talvez pudessem haver habilitações em "Pedagogia Licenciatura" e "Pedagogia Bacharelado".</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Obrigatoriedade de estágios supervisionados de maior duração</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Urgência de uma escola de aplicação na FE</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revisão dos conteúdos programáticos na matéria de didática e afins.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Mais criatividade nas aulas de didática, que deveria ser mais voltada para o ensino fundamental e a abordagem com crianças ou eja em sala de aula.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Um currículo mais flexível onde o aluno seja capaz de montar seu próprio conhecimento e ligar a pedagogia a qualquer outra área de conhecimento presente na Universidade, seja Direito, Comunicação, Artes, Línguas, Ciências, Filosofia, Física. As disciplinas de módulo livre deveriam ser ilimitadas em quantidade de créditos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Um melhor acompanhamento dos estágios supervisionados pelo professor(a) da UnB.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Creio que o currículo precisa ser revisado. Há muita disciplina inútil. Senti falta de prática no curso. O que tenho foi buscado por conta própria em voluntariados. Penso que os alunos deveriam dedicar parte do tempo devolvendo à sociedade o estudo que é custeado por ela em trabalho mais pontuais e projetos que de alguma forma ajudem no contexto escolar.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Incentivar o desenvolvimento de pedagogos para a área empresarial.</i>

- *Criação de uma Escola de Aplicação (dar suporte para quem quer seguir carreira no magistério) e criação de uma área de Educação Corporativa (levantamento de necessidades de treinamento, avaliação de programas), em especial na pós-graduação*
- *Ampliar o leque de opções do aluno, oferecendo mais disciplinas optativas das diversas áreas nas quais o pedagogo pode trabalhar.*

Considerações Finais

Sabe-se que a inserção no mercado de trabalho é uma das questões que mais preocupa qualquer graduando. Pensando no caso particular do aluno de Pedagogia, essa preocupação pode se ampliar, tendo em vista a dimensão de ocupações e de ambientes diferentes em que o Pedagogo pode estar atuando.

Ortiz (2011) revelou em sua pesquisa que os professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília elogiam e reconhecem a importância dos projetos na formação do aluno. A presente pesquisa constatou entre os ex-alunos pesquisados esse mesmo olhar positivo sobre os projetos, apontando a relevância dos mesmos para a sua formação acadêmica. No entanto, os ex-alunos destacaram também a falta de orientação acadêmico-profissional do curso, de sorte a que o aluno não fique perdido durante sua graduação, sem saber como traçar seu currículo dentro das disciplinas obrigatórias, optativas e dos próprios projetos.

Vale recordar que a tese de Brzezinsky de que o curso de Pedagogia no Brasil teve por objetivo básico durante muito tempo o treinamento profissional, oferecendo apenas um amparo técnico para os profissionais da educação. Os dados de nossa pesquisa, contudo, não parecem apoiar essa tese (independentemente do fato daquela tendência ter sido de fato predominante em nosso país). Os ex-alunos de nossa pesquisa destacam precisamente a falta de disciplinas que preparem efetivamente para a atuação no mercado de trabalho, a falta de disciplinas de natureza técnico-profissional, a falta de vínculo entre a formação teórica recebida e a experiência prática, considerada fundamental nesse curso. Parte da amostra pesquisada afirmou que depois de formados foram trabalhar em escolas, principalmente na educação infantil, e ali se sentiram bastante inseguros para assumir a tarefa da alfabetização das crianças.

Cabe lembrar que o presente trabalho objetivava: 1º) Saber como os egressos do curso de pedagogia da UnB se inseriram no mercado de trabalho; 2º) Avaliar em que medida, na percepção dos egressos, o curso de pedagogia contribuiu para a inserção de seus ex-alunos no mercado de trabalho; 3º) Colher sugestões dos ex-alunos do curso de pedagogia da UnB visando a melhoria da qualidade desse curso.

A luz desses objetivos e do levantamento empírico realizado, verificamos basicamente que: 1º) Os egressos se inseriram no mercado de trabalho distribuídos em diversas áreas, não só na área educacional, sendo que grande parte já atuavam na área

mesmo antes de se formarem; 2º) A avaliação que os egressos fazem do curso de Pedagogia da UnB que frequentaram confere, de um lado, destaque positivo à convivência informal com colegas e professores, assim como à inserção em projetos, e, de outro lado, destaque negativo à falta de um foco maior nas disciplinas e experiência de formação profissional (didáticas, estágio); 3º) as sugestões dos ex-alunos visando à melhoria do curso de pedagogia, enfatizam a questão de que é preciso aproximar o currículo da sala de aula e unir teoria e prática, de sorte a se possa elevar a qualidade do curso de pedagogia.

Esperamos que a presente pesquisa possa auxiliar o curso a promover as mudanças necessárias para melhorar a qualidade do curso, pois, afinal, todos os envolvidos no processo de formação dos futuros educadores desejam alcançar o mesmo objetivo maior: formar um profissional capaz de promover uma educação básica de qualidade.

6. Referências bibliográficas

BRITO, Rosa Mendonça. **Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil.** Dialógica vol.1. n.1. 2006. Disponível em: http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf. Acesso em: 26/08/2011.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, Pedagogos e Formação de Professores: Busca e movimento.** Campinas, SP: Papirus, 1996.

FURLAN, Cacilda Mendes Andrade. **História do Curso de Pedagogia no Brasil: 1939-2005.** Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/164_885.pdf, acesso em 25/04/2011.

GATTI, Bernadete A.; NUNES, Marina Muniz Rossa (Orgs.). **Formação de professores para o Ensino Fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas.** São Paulo: FCC/DPE, 2009

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1994.

GOIS, Antônio. “Para Unesco, Brasil paga pouco a professor”. Folha de São Paulo. 08/10/2002. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u10910.shtml>

ORTIZ, C. F. de O. **O currículo do curso de Pedagogia da UnB na visão de seus docentes.** Trabalho Final de Curso. Orientação Profa. Dra. Catia Piccolo Viero Del Vecchi, UnB/FE, 2011.

SILVA, H. B. P. **Análise comparada da estrutura curricular do curso de pedagogia em duas instituições: Universidade de Brasília e Instituto Nacional de Educação de Cingapura.** Trabalho Final de Curso. Orientação Prof. Dr. Bráulio Tarcisio Porto de Matos, UnB/FE, 2011.

LIMA, Beatriz M. F. de e outros. **Estrutura ocupacional, educação e formação de mão-de-obra. Os países desenvolvidos e o caso brasileiro.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983.

ANEXO 1

Questionário da Enquete



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

Caro(a) ex-aluno(a) do curso de Pedagogia da UnB,

Em primeiro lugar, agradeço sinceramente por sua disposição em responder o presente questionário.

Como disse ao telefone, esta pesquisa é parte integrante de meu *Trabalho de Conclusão de Curso* e está sendo orientada pelo prof. **Bráulio Tarcísio Porto de Matos**, que foi também seu professor na UnB. A pesquisa tem por objetivos:

- Saber como os ex-alunos do curso de pedagogia da UnB estão inseridos no mercado de trabalho (mesmo aqueles que não concluíram o curso);
- Avaliar em que medida o curso de pedagogia terá contribuído para a inserção de seus ex-alunos no mercado de trabalho;
- Colher sugestões dos ex-alunos do curso de pedagogia da UnB visando a melhoria da qualidade desse curso.

Os dados colhidos no questionário serão tratados de forma anônima e eu me comprometo a enviar a você uma cópia da Monografia tão logo concluída.

Se tiver qualquer dúvida sobre o questionário, fale comigo em xxxxxxx ou pelo telefone (61) xxxxxxxxxxxx .

Clique e acesse o questionário em:

<https://www.xxxxxxxxxxxxxx>

Tudo de bom,

Sarah Yunes

QUESTIONÁRIO

BLOCO I – ASPECTOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

Qual é o seu estado civil?

- Solteiro
- Casado
- Separado
- Outro

Quantos filhos você tem?

- Nenhum
- Um
- Dois
- Três ou mais

Com quem você reside atualmente?

- Com os pais
- Com a própria família (cônjuge e/ou filhos)
- Sozinho (a)
- Outra situação

Onde você reside atualmente?

- Plano Piloto
- Outras Regiões Administrativas do DF
- Fora do DF

BLOCO II – ASPECTOS RELATIVOS À FORMAÇÃO ACADÊMICA

Você concluiu o curso de pedagogia da UnB?

- Não (responda a questão 6)
- Sim (passe para a questão 7)

Se você **NÃO** concluiu o curso de pedagogia iniciado na UnB, quanto cada um dos fatores abaixo pesou em sua decisão de interromper o curso?

Problemas de ordem pessoal (doença, dificuldade financeira, crise familiar, etc.).

- Não pesou
- Pesou um pouco
- Pesou muito

Insatisfação com os aspectos administrativos do curso (precariedade da infra-estrutura, greves constantes, falta de professores, etc.)

- Não pesou
- Pesou um pouco
- Pesou muito

Insatisfação com qualidade acadêmica do curso (conteúdo das disciplinas, despreparo de professores, falta de orientação pedagógica, etc.)

- Não pesou
- Pesou um pouco
- Pesou muito

Dúvida sobre a vocação pessoal para a carreira do magistério.

- Não pesou
- Pesou um pouco
- Pesou muito

Mudança de interesse profissional.

- Não pesou
- Pesou um pouco
- Pesou muito

Preocupação com a estabilidade financeira no futuro, tendo em vista a remuneração média dos profissionais que atuam na área de educação.

- Não pesou
- Pesou um pouco
- Pesou muito

Além do curso de pedagogia da UnB, você fez (ou está fazendo) algum outro curso?
(MARQUEQUANTAS ALTERNATIVAS COUBER)

- Não
- Sim, curso superior em outra área
- Sim, curso de especialização (pós-graduação lato senso ou aperfeiçoamento)
- Sim, curso de mestrado
- Sim, curso de doutorado

BLOCO III – ASPECTOS RELATIVOS À INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Você está exercendo alguma atividade remunerada atualmente?

- Não (estou me dedicando exclusivamente aos estudos ou a outra atividade não remunerada)
- Não, mas estou procurando emprego
- Sim, estou trabalhando.

Qual é a sua principal ocupação atualmente (ou qual foi a última ocupação que você teve)? Por favor, descreva-a abaixo (p. ex.: “Bancário”, “Gerente de empresa comercial”, etc.).

Você exerce ou exerceu a sua ocupação principal como:

- Empregado no setor público
- Empregado no setor privado
- Autônomo ou profissional liberal
- Proprietário ou sócio proprietário
- Membro de ONG, sindicato, partido político, associação

Qual é a faixa de renda mensal em sua principal ocupação atual (ou na última ocupação que exerceu)? *Observação: O valor atual do salário mínimo é de R\$ 545,00.*

- Até 3 salários-mínimos
- Acima de 3 a 10 salários-mínimos
- Acima de 10 a 20 salários-mínimos
- Acima de 20 a 30 salários-mínimos
- Mais de 30 salários-mínimos

Qual é a faixa de renda mensal de sua família (incluindo a sua renda pessoal e dos demais membros da família que exercem atividade remunerada)? *Observação: O valor atual do salário mínimo é de R\$ 545,00.*

- Até 3 salários-mínimos
- Acima de 3 a 10 salários-mínimos
- Acima de 10 a 20 salários-mínimos
- Acima de 20 a 30 salários-mínimos
- Mais de 30 salários-mínimos

Como se sente em relação à remuneração que você recebe em sua ocupação atual (ou na última ocupação que teve)?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Nem satisfeito nem insatisfeito

- Insatisfeito
- Muito insatisfeito

Como se sente em relação às atividades que você desenvolve em sua ocupação atual (ou na última ocupação que teve)?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Nem satisfeito nem insatisfeito
- Insatisfeito
- Muito insatisfeito

Após ter concluído (ou interrompido) o curso de pedagogia da UnB, você atuou na área de educação? De que forma? (MARQUE QUANTAS ALTERNATIVAS COUBER)

- Nunca atuou na área educacional. (Passe para a questão 19)
- Sim, exercício do magistério
- Sim, na área técnico-administrativa
- Sim, outro

Se já exerceu o magistério (ou ainda exerce), em que níveis de ensino você já lecionou e por quanto tempo:

Educação infantil (maternal, creche, jardim de infância)

- Nunca
- Até 2 anos
- Mais de 2 anos

Séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª séries)

- Nunca
- Até 2 anos
- Mais de 2 anos

Séries finais do ensino fundamental (5ª a 8 séries)

- Nunca
- Até 2 anos
- Mais de 2 anos

Ensino médio regular (1º a 3 anos)

- Nunca
- Até 2 anos
- Mais de 2 anos

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

- Nunca
- Até 2 anos
- Mais de 2 anos

Ensino superior

- Nunca
- Até 2 anos
- Mais de 2 anos

Se você exerce (ou já exerceu o magistério), durante esse período qual das situações abaixo melhor descrevem o seu caso:

- Trabalho em uma única escola localizada perto de minha residência
- Trabalho em mais de uma escola localizada perto de minha residência
- Trabalho em uma única escola localizada longe de minha residência
- Trabalho em mais de uma escola localizadas longe de minha residência (pelo menos uma delas)

Se você se formou no curso de pedagogia da UnB, quanto tempo transcorreu entre a formatura e o ingresso no primeiro emprego nessa área educacional?

- Já trabalhava na área
- Até 3 meses
- De 3 a 6 meses
- Acima de 6 a 12 meses
- Acima de 12 meses

BLOCO IV – ASPECTOS RELATIVOS AO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB

Pensando na formação que você recebeu no curso de pedagogia da UnB (ainda que não tenha concluído o curso), quanto cada um dos aspectos abaixo tem contribuído para as atividades que você desenvolve em sua ocupação atual (ou na última ocupação que teve)?

As disciplinas de formação teórica geral que você cursou (história, filosofia, sociologia, antropologia, etc.)

- Não tem contribuído
- Têm contribuído um pouco
- Têm contribuído muito

As disciplinas de formação profissional que você cursou (didáticas e metodologias de ensino, etc.)

- Não tem contribuído
- Têm contribuído um pouco
- Têm contribuído muito

O estágio que você realizou

- Não tem contribuído
- Tem contribuído um pouco
- Tem contribuído muito

Participação grupos de pesquisa (PIBIC, etc)

- Não tem contribuído
- Tem contribuído um pouco
- Tem contribuído muito

Participação em monitoria(s)

- Não tem contribuído
- Tem contribuído um pouco
- Tem contribuído muito

Convivência informal com professores

- Não tem contribuído
- Tem contribuído um pouco
- Tem contribuído muito

Convivência informal com colegas de curso

- Não tem contribuído
- Tem contribuído um pouco
- Tem contribuído muito

Em relação especificamente ao estágio que você realizou no curso de pedagogia da UnB, que aspectos ele contemplou? (MARQUE QUANTAS ALTERNATIVAS COUBER)

- Não realizei estágio supervisionado
- Observei o funcionamento cotidiano da escola, sem, contudo, assistir aulas regulares.
- Assisti aulas regulares da escola, mas não fiz intervenções nas mesmas.
- Participei de aulas regulares, atuando como assistente do professor titular.
- Participei de aulas regulares e lecionei sob a supervisão de um professor da escola.
- Participei de aulas regulares e lecionei sem a supervisão alguma.

Ainda em relação ao estágio, qual foi, aproximadamente, o número total de horas que você passou dentro da sala de aula nesse período?

Não acompanhei aulas regulares em nenhuma escola.

- Menos de 20 horas.
- Acima de 20 a 40 horas.
- Acima de 40 a 80 horas

Para finalizar, gostaríamos de colher algum comentário seu acerca do que você considera terem sido os principais pontos fortes e pontos fracos do curso de pedagogia durante o período em que você estudou na Faculdade de Educação da UnB? Além disso, você teria alguma sugestão a fazer para a melhoria do curso?

- Pontos fortes do curso _____
- Pontos fracos do curso _____
- Sugestões de melhoria _____

MUITO OBRIGADA. CLIQUE NO BOTÃO ENVIAR.

III PARTE - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Muitos alunos já fazem a graduação pensando em continuar um mestrado e até mesmo um doutorado. Eu particularmente nunca tive essa vontade, pensava apenas em terminar minha graduação. Porém, nesse movimento de realizar uma pesquisa, estudar uma temática, analisar dados, descobrir resultados inesperados ou contatar coisas previsíveis, fui amadurecendo a idéia de buscar tão logo a entrada em um mestrado.

Acredito que essa temática pode e precisa ser cada vez mais explorada, e colocada em pauta, pois através da reflexão sobre os cursos de Pedagogia, como seus egressos estão se inserindo no mercado de trabalho, os pontos fortes e fracos do nosso currículo, tudo isso tem importância fundamental para uma futura mudança na educação Brasileira.

Entrei no curso de Pedagogia, tendo certeza de que era a minha área de interesse e de que quando formada estaria exercendo uma atividade que me daria um imenso prazer. Após 4 anos e meio de graduação, essa certeza só foi se consolidando a cada dia. Os momentos que pude vivenciar a rotina de uma escola, todo o movimento que ocorre em sala de aula, foram momentos em que confirmei minha vontade de estar atuando em sala de aula, na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Então, depois de formada pretendo trabalhar como professora inicialmente na rede privada, depois passar em um concurso da Secretaria de Educação, realizar meu mestrado e a longo prazo realizar um grande sonho que é de ter minha própria escola.

* * *